

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

A AUXILIARIDADE DO VERBO *CHEGAR*
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

CURITIBA

2007

ROBERLEI ALVES BERTUCCI

**A AUXILIARIDADE DO VERBO *CHEGAR*
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em estudos lingüísticos.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria José G. D. Foltran

CURITIBA

2007

“A vida é tão bela que *chega a dar medo.*”

Mário Quintana

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, sou grato a Deus pela vida, este presente tão belo, que chega a dar medo.

À minha família pelo carinhoso apoio ofertado a mim desde muito, quando nem imaginava, ao certo, o que faria do meu futuro.

Não poderia me esquecer das professoras Deizi e Patrícia pela iniciação às primeiras pesquisas, por terem feito de minhas incertezas, grandes conquistas.

Faço um agradecimento mais que especial à professora Maria José Foltran pela orientação, pela paciência e pelo estímulo incansáveis: levarei para sempre comigo a sua amizade.

Sou grato ao Márcio pela paciente ajuda com os dados do Varsul, aos professores do mestrado da UFPR e ao Odair, sempre pronto a orientar e auxiliar em tudo quanto necessitei.

Agradeço à banca de qualificação, composta pelos professores Luiz Arthur Pagani e Lígia Negri. Suas sugestões foram importantes para a finalização do trabalho.

Agradeço também aos amigos do mestrado pelas conversas, pelos trabalhos, pelos desafios partilhados, em particular, ao Alexandre pelas sugestões.

Ao Juliano, pela preciosa ajuda na elaboração do *abstract* e à Fernanda, pela ajuda na editoração.

Agradeço ainda a todos os que torceram por mim durante este período e me ajudaram a realizar este trabalho.

RESUMO

Este trabalho analisa o verbo *chegar* em sentenças do PB, quando ele é seguido de *a*+infinitivo. Na literatura, não há consenso no tratamento do verbo na perífrase em foco. Enquanto alguns o consideram um auxiliar, outros não. Esta pesquisa retomou essa discussão e mostrou que o verbo *chegar*, no contexto estabelecido, responde afirmativamente a todos os critérios apontados como caracterizadores de auxiliaridade.

Tendo isso estabelecido, observamos que são atribuídos aos auxiliares os valores de tempo, voz, modo e aspecto. Assim, fomos investigando, uma a uma, todas essas possibilidades. Os valores de tempo e voz foram facilmente descartados. Em seguida, buscamos numa descrição genérica de modalidade alguma pista que nos fizesse ir mais a fundo. Não encontramos e, por isso, descartamos também essa possibilidade. A análise de *chegar* como auxiliar aspectual tomou mais tempo e espaço neste trabalho, porque há alguns autores que assumem uma análise desse tipo. Primeiro, buscamos caracterizar o aspecto gramatical e ver se as sentenças objetos de investigação poderiam denotar as categorias de aspecto incluídas aí. Concluímos que não. Analisamos, depois, a possibilidade de *chegar* restringir alguma classe acional. Novamente, os resultados foram negativos. Tendo em vista o comportamento da perífrase nos diferentes contextos, afirmamos que não era possível assumir um valor aspectual para o verbo em questão.

Por fim, propomos uma análise para esse verbo que leva em conta não apenas os aspectos sintáticos e semânticos, mas também os pragmáticos: mostramos que o falante, ao utilizar o auxiliar *chegar* deseja apontar para uma escala, mais precisamente para o

ponto argumentativo mais forte dessa escala. Dessa forma, teríamos um auxiliar que não é temporal, modal ou aspectual, mas essencialmente pragmático.

O *corpus* desta pesquisa é composto por sentenças do português brasileiro, falado e escrito, além de sentenças criadas para verificar a compatibilidade de *chegar* em contextos mais específicos.

ABSTRACT

This work approaches the verb *chegar* when it is followed by the preposition *a* and the infinitive form in Brazilian Portuguese. In the literature, there is no consensus about the treatment of the verb in this periphrasis. While some authors consider it an auxiliary verb, others do not. Our research resumed this discussion and showed that *chegar*, in the context above, confirms all the criteria indicated as indicators of auxiliary.

After that, we noticed that the values of tense, modality, voice and aspect are given to the auxiliaries. Then, we investigated, one by one, all the possibilities. The values of tense and voice were easily rejected. After this, we searched, in a general description of modality, a clue to conduct us deeper in the research. We did not find one and then we rejected this possibility too. The analysis about *chegar* as an aspectual auxiliary took more time and space in this work, because there are some authors who argues for this kind of analysis. First, we tried to characterize the grammatical aspect and observe whether the sentences could mean the aspectual categories included there. We concluded that they could not. Later, we analyzed the possibility of *chegar* to restrict some actional class. Again, the conclusions were negative. Bearing in mind the behavior of the periphrasis in the different contexts, we affirm that it was not possible to accept an aspectual value to *chegar*.

At the end, we propose an analysis to this verb that takes into consideration not only the syntactic and semantic aspects, but also the pragmatic one: we show that when the speaker uses the auxiliary *chegar*, this speaker wishes to point to a scale, more

specifically to its strongest argumentative point. In this way, we might have an auxiliary verb which is not temporal, modal or aspectual, but essentially pragmatic.

The *corpus* of this research is composed of sentences from Brazilian Portuguese, spoken and written, and other sentences created to verify the compatibility of *chegar* in specific contexts.

FONTES DOS DADOS

CH – *Site* Ciência Hoje: <<http://cienciahoje.uol.com.br>> Acesso: nov. 2006.

FSP – Folha de São Paulo

GP – Gazeta do Povo

JB – Jornal do Brasil – Caderno B – Opinião de José Paulo Paes

RA – Rubem Alves. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras.

RG – Revista Galileu

RGH – Revista Galileu História, edição especial número 4

RLP – Revista Língua Portuguesa

RS – Revista Superinteressante (a ed. 218 é de outubro de 2005; a ed. 225 de abril de 2006)

VARISUL – Projeto de Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Algumas análises de chegar	2
Apresentação da dissertação	5
Capítulo 1	7
1. Traços de auxiliaridade do verbo <i>chegar</i>	7
1.1. Definições de auxiliaridade	7
1.2. Auxiliaridade e gramaticalização	12
1.2.1. Perda de valor semântico (<i>desemantization</i>):	13
1.2.2. Diferença sintática (<i>deategorialization</i>):	16
1.3. Que tipo de auxiliar é <i>chegar</i>?	17
1.3.1. Perífrases temporais	18
1.3.2. A expressão de modo	20
Capítulo 2	24
2. Aspecto e acionalidade	24
2.1. A noção de aspecto	25
2.1.1. Valores aspectuais	26
2.1.1.1. Perfectivo	27
2.1.1.2. Imperfectivo	28
2.1.1.3. Terminativo	28
2.1.2. Resultatividade: aspecto ou noção semântica?	29
2.2. Sobre o valor aspectual do auxiliar <i>chegar</i>	32
2.3. A noção de acionalidade	37
2.3.1. A relação entre aspecto e acionalidade	39
2.3.1.1. Exemplos de análises feitas por Squartini	41
2.3.1.1.1. Stare+a+infinitivo X stare+gerúndio, no italiano	41
2.3.1.1.2. Presente perfeito em português	43

2.4. A relação entre aspecto e acionalidade com <i>chegar</i>	45
Capítulo 3	51
3. Chegar e escalaridade	51
1. As implicaturas de Grice	52
3.1.1. As implicaturas conversacionais	52
3.1.1.1. Máxima da Qualidade	53
3.1.1.2. Máxima da Quantidade	53
3.1.1.3. Máxima da Relevância	54
3.1.1.4. Máxima do Modo	54
3.1.2. As implicaturas convencionais	55
3.2. <i>Chegar</i> : uma implicatura convencional.....	58
3.3. Escalas pragmáticas	59
3.4. Escalas argumentativas	64
3.5. A negação do auxiliar <i>chegar</i>	75
3.6. Análises de <i>even</i> , <i>hasta</i> e <i>até</i>	83
3.6.1. <i>Chegar</i> em comparação com <i>even</i> , <i>hasta</i> e <i>até</i>	85
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

O objeto recortado para esta pesquisa são as seqüências de *chegar a+infinitivo* em português brasileiro (PB), encontradas na escrita e na oralidade. O que pretendemos neste trabalho é verificar a questão da auxiliaridade de *chegar*, analisando também sua função nessas seqüências.

A gênese desta dissertação está nas leituras feitas em Pontes (1973), Travaglia (1985) e Squartini (1998). Em nenhum desses autores, encontramos o verbo *chegar* como auxiliar. Aliás, essa denominação de “auxiliar” para *chegar* foi observada apenas em Almeida (1980) e Neves (2000) – além de estar presente também no dicionário Houaiss (2001) – e, com exceção de Almeida, os outros dois autores – consideradas a natureza das publicações – não fazem uma análise pormenorizada, capaz de explicar quais as condições necessárias para que *chegar* possa ser definido como um auxiliar. Almeida (1980) atribui à perífrase o papel de expressar um resultado, mas não detalha se há alguma restrição de ocorrência da perífrase.

Travaglia (1985) fez um estudo extenso e bastante completo sobre aspectualidade no PB, mas deixou de fora a perífrase *chegar a+infinitivo*. Luft (2003) também fez um trabalho muito completo sobre verbo em PB, mas trata *chegar* como verbo transitivo indireto no contexto em foco nesta pesquisa.

Como não há consenso entre os autores, o que queremos verificar neste trabalho, a partir da análise dos dados, é se *chegar a+infinitivo* formam uma perífrase e, conseqüentemente, se se pode classificar *chegar* como verbo auxiliar. Outro fator importante a ser considerado aqui é o papel de *chegar* nessa seqüência. Como os auxiliares de modo geral expressam tempo (*ir+infinitivo*, por exemplo) ou aspecto (*começar+a+infinitivo*, por exemplo), uma possível constatação de *chegar* como verbo auxiliar requer uma análise para verificar o seu papel na perífrase.

A partir das leituras feitas sobre *chegar*, algumas perguntas surgiram: será que ele expressa sempre um resultado? Sua função seria a de inserir o infinitivo (e o sintagma que o acompanha) numa determinada escala? O que observamos e pretendemos mostrar nesse trabalho é que nem sempre *chegar* indica um resultado. No entanto, o falante parece utilizar esse verbo para indicar uma escala. Por essa razão, este trabalho se propõe a:

- verificar em que condições e com quais critérios *chegar* pode ser considerado auxiliar;
- descrever a interação de *chegar* com as classes acionais em PB e possíveis restrições de uso da perífrase pesquisada;
- analisar o papel de *chegar* nessa perífrase, especialmente no que diz respeito ao resultado;
- investigar a possibilidade de estarmos diante de um operador de escala.

Para responder a essas questões, nossa pesquisa se baseia nas discussões feitas especialmente por Pontes (1973), sobre auxiliaridade; Almeida (1980), sobre a perífrase *chegar a+infinitivo*; além de Fauconnier (1975) e Ducrot (1981) sobre escalas.

Algumas análises de chegar

O verbo *chegar* faz parte da classe dos verbos de movimento, os quais são definidos por Menezes (2005) como aqueles que acarretam o movimento de um ser ou o deslocamento desse ser no espaço. A partir de dados do PB, a autora analisa uma série de verbos de movimento que acarretam trajetória, e coloca *chegar* no terceiro grupo, no qual se encontram os verbos cujo elemento deslocado está no argumento externo. Diferentemente de outras classes, ela afirma que nesse terceiro grupo não é possível descrever, sintaticamente, a trajetória completa do evento, porque o verbo não apresenta argumento interno. Dessa forma, se for colocado um locativo na sentença, ele indicará a origem (1) ou o destino (2) do sujeito.

- (1) Pedro **chegou** de Curitiba.
- (2) Pedro **chegou a/** em Curitiba.

Com relação ao fato de *chegar* não poder demonstrar sintaticamente os pontos de origem e destino (trajetória completa), uma rápida pesquisa num *site* de busca desfez essa conclusão. Observemos que em (3), os pontos de origem (*trabalho*) e destino (*casa*) estão mostrando toda a trajetória e a frase é aceitável em PB.

- (3) Sexta-feira eu **cheguei** em casa do trabalho e minha esposa disse que o nosso telefone estava fazendo chamadas mas não estava recebendo. (Disponível em <<http://logbr.reflectivesurface.com/category/vida/page/2/>> Acesso em 07 maio 2006).

Menezes (2005) afirma também que, caso não se coloque um locativo na sentença, a interpretação será de um objeto *default*: ficará implícito que o ponto de chegada do sujeito em movimento é o lugar no qual o falante está (4).

- (4) João **chegou**.

Nossa interpretação é de que o ponto de chegada não é necessariamente o local em que o falante está, mas sim o local que é conhecido e/ou partilhado pelo falante e pelo ouvinte. Assim, o falante e o ouvinte podem estar em um local diferente do local da chegada de João, mas a frase ainda será bem formada.

- (5) João **chegou** (em Marte às 3 horas da manhã).

As considerações centrais apresentadas em Luft (2003) são as de que *chegar* (i) indica o fim do movimento de um determinado argumento, como acontece nas sentenças (1-5) e (ii) mostra que um determinado ponto foi alcançado ou atingido, como (6), não sendo necessário acontecer um movimento espacial.

- (6) O roubo **chegou** a 156 milhões de reais.

Em alguns casos, é possível notar que o alcance de um determinado ponto mostra um deslocamento específico naquele contexto. Em (7), por exemplo, esse

deslocamento se dá em relação à velocidade que o trem pode atingir; em (8), o deslocamento é temporal; em (9), o que se atinge é uma determinada porcentagem (30%); e (10) mostra que o deslocamento do filme acontece das telas de cinema para o DVD, apresentando mais um meio pelo qual a pessoa pode vê-lo.

- (7) O trem bala pode **chegar** aos 500 km/h. (RGH, p. 15)
- (8) A obra-prima do escritor mineiro Guimarães Rosa **chega** a seu 50º aniversário em plena forma. (RGH, p. 33)
- (9) O crescimento **chega** a 30% fora do eixo Rio-São Paulo. (FSP, 18 nov. 2004, B5)
- (10) *Terra em Transe*, também restaurado, foi relançado nos cinemas e, em breve, **chega** ao DVD, espera-se que com a mesma qualidade. (RLP, n. 2, p. 61)

De fato, como afirma Luft (2003), o verbo *chegar* determina o alcance de um determinado ponto, tanto em contextos mais concretos – sentenças (1) a (5), por exemplo – quanto em mais abstratos – sentenças (6) a (10). Neste primeiro momento, diremos que, nesses casos, o verbo *chegar* está sendo utilizado no sentido pleno.

Em sentenças como (11), abaixo, Luft (2003) não considera *chegar* como auxiliar, mas como transitivo indireto em que o infinitivo é um complemento; no entanto, em (12), *passar* é considerado auxiliar pelo autor. Por não explicitar os critérios para a definição de auxiliaridade, não sabemos por que ele considera *passar* como auxiliar e *chegar* não.

- (11) Ele **chegou** a esmolar.
- (12) O rapaz caiu em si e passou a estudar mais.

Para o autor, o primeiro caso não constitui uma perífrase e *chegar* tem o sentido de *alcançar*; *atingir*. No segundo caso, no entanto, ele considera *passar* como verbo auxiliar, constituindo perífrase. As condições, especialmente sintáticas, nos parecem as mesmas para ambos os verbos, sendo possível defini-los como auxiliares e,

conseqüentemente, as composições que integram, como perífrases. Por essa razão, o nosso trabalho apresenta, primeiramente, critérios de auxiliaridade para serem testados com *chegar*, a fim de considerá-lo um verbo auxiliar quando seguido de infinitivo.

Há também outras construções comuns com *chegar*, uma, o modo imperativo, em que *chegar* aparece freqüentemente ao lado de verbos no infinitivo com o sentido de *parar*. Contudo, nesses casos, ele não pode ser considerado um verbo auxiliar. São ocorrências como as de (13).

(13) **Chega** de comer!

Sentenças como as de (14a-b), comuns na oralidade, mostram um outro uso de *chegar*, mas também não são foco de nosso trabalho.

(14) a. Aí **cheguei** pro cara e disse... (Varsul/ Porto Alegre)¹

b. Aí ela **chegou** e disse assim... (Varsul/ Porto Alegre)

Não é evidente que *chegar* esteja sendo utilizado no sentido de movimento, alcance de um determinado ponto ou como auxiliar. É um caso particular, do qual não trataremos nesta pesquisa.

Apresentação da dissertação

O presente trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, apresentamos alguns critérios para a definição da auxiliaridade de um verbo, em que medida *chegar* cumpre com esses critérios e analisamos se ele pode ser incluído no grupo dos auxiliares

¹ O Projeto Varsul (Projeto de Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil) foi implementado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Seu objetivo geral é a descrição do português falado no Sul do Brasil e seus objetivos específicos são: (a) subsídios para a descrição do português falado no País; (b) condições para teste e desenvolvimento de teorias lingüísticas; (c) condições para formação de novos pesquisadores e (d) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades lingüísticas.

temporais ou modais; no segundo capítulo, verificamos as questões referentes ao aspecto verbal e buscamos responder se *chegar* é um auxiliar aspectual ou não; finalmente, o terceiro capítulo traz uma análise para o auxiliar *chegar* sob o ponto de vista da escalaridade, levando em conta questões pragmáticas. Logo após essas seções, colocamos também um resumo das conclusões a que chegamos nos três capítulos e dúvidas que ainda nos restaram após a pesquisa.

Capítulo 1

1. TRAÇOS DE AUXILIARIDADE DO VERBO *CHEGAR*

Embora ao menos três autores – Almeida (1980), Neves (2000) e Houaiss (2001) – já considerem *chegar* como auxiliar, quando precede infinitivo, verificar se de fato esse verbo comporta-se como um auxiliar ainda é uma questão relevante, em razão de que outros trabalhos, como o de Travaglia (1985) e o de Luft (2003), não o consideram da mesma forma. Por isso, neste primeiro capítulo, procuramos demonstrar alguns critérios utilizados na classificação de um verbo como auxiliar no sentido de verificar se, sucedido de infinitivo, *chegar* é mesmo um auxiliar.

1.1. Definições de auxiliaridade

A definição para o que seja **verbo auxiliar** não é muito clara na literatura. Por isso, buscaremos critérios gerais que possam levar-nos a uma caracterização ou não de *chegar* como auxiliar quando seguido de infinitivo. A base para uma delimitação está nas propostas de Perini (2001) e de Pontes (1973).

Perini (2001) chama de predicados complexos seqüências de verbos finitos+verbos não-finitos (gerúndio, particípio e infinitivo) quando o primeiro verbo for auxiliar. Nesse caso, há apenas um NdP².

² Núcleo do predicado.

Para Perini (2001) a questão principal que envolve o NdP é a transitividade verbal. Observe exemplos do autor.

(15) Sarita vai dormir.

(16) Sarita tem dormido.

Os termos *vai* e *tem* não influenciam na escolha dos complementos, por isso, essas seqüências formam um único predicado – chamado *complexo* –, no qual *vai* e *tem* são denominados **verbos auxiliares**. Perini (2001) acompanha Pontes (1973) na idéia de que o auxiliar aponta para as questões gramaticais, enquanto o verbo principal aponta para as questões lexicais. Por isso, quem faz a seleção dos argumentos é o verbo principal. Isso fica claro nos exemplos (17), (18) e (19).

(17) a. Paulo leu.

b. Paulo vai ler.

(18) a. #A pedra leu.

b. #A pedra vai ler.

(19) a. A pedra caiu.

b. A pedra vai cair.

Este é um critério conhecido como o da detematização. O verbo *ler* seleciona o argumento externo em (17) e é ele mesmo que impede a seleção de *a pedra* em (18). Se o auxiliar (*vai*) fosse o responsável pelo bloqueio, não permitiria a seleção de (19b). No entanto, como em (19a), a seleção de *a pedra* – em 19b – foi possível porque foi feita pelo verbo *cair*, o NdP. Assim, entendemos que a presença do *vai* não mudou o critério de seleção, portanto o verbo *ir*, aí, funciona como auxiliar. Miotto *et alii* (2004) propõem o mesmo teste para a seleção argumental e afirmam que isso faz parte da restrição semântica (s-seleção) que um determinado núcleo faz com relação aos argumentos que co-ocorrem com ele na sentença.

Os testes com *chegar* demonstraram que ele não participa da seleção dos elementos que co-ocorrem na sentença. Isso fica por conta do verbo chamado principal.

(20) a. A pedra **chegou** a rolar.

b. #A pedra **chegou** a chorar.

A sentença (20a) mostra que o sujeito, mesmo inanimado, é aceito em uma sentença com *chegar*, pois a seleção desse sujeito é feita pelo verbo principal, no caso, *rolar*. Pelo mesmo motivo, (20b) não é aceita: o sujeito, *a pedra*, não é compatível com *chorar*, que exige um argumento, no mínimo, animado. Assim, verificamos que *chegar*, como auxiliar, não interfere na seleção dos argumentos, que é feita pelo verbo principal.

Pontes (1973) acrescenta também que o verbo auxiliar não muda de posição se a sentença for alterada da ativa para a passiva. As sentenças em (21), com o auxiliar *começar*, confirmam a afirmação da autora e as sentenças em (22) – especialmente (22b) – mostram que *chegar* se comporta da mesma maneira que *começar*, ou seja, a apassivação não alterou a posição de anterioridade do verbo auxiliar em relação ao verbo principal.

(21) a. João começou a organizar a festa.

b. A festa começou a ser organizada por João.

(22) a. João **chegou** a organizar a festa.

b. A festa **chegou** a ser organizada por João.

Não temos, em PB, a formação de perífrase com *chegar* seguido de participípio ou gerúndio, pois, nesses contextos, ele mantém seu sentido pleno. O locativo, que informaria o ponto final do deslocamento é um argumento *default*.

(23) João **chegou** carregado de papéis.

(24) João **chegou** carregando papéis.

Para *chegar*, a obrigatoriedade na formação da perífrase é ser seguida sempre de infinitivo, em geral com a presença da preposição *a*, embora tenhamos encontrado

exemplos, como (25b), em que a preposição não aparece³. Depois do infinitivo, é possível a presença de particípio (26) ou de gerúndio (27).

- (25) a. A minha casa **chegou** a baixar por causa disso. (Varsul/ Curitiba)
b. É, muito peralta, eu gostava muito de brincar em aula, mas assim em termos de estudo assim eu não **cheguei** rodar um ano, sabe? Era, sempre inclusive ganhava prêmios, inclusive do professor. (Varsul/ Irati)
- (26) Ele nem **chegou** a ser registrado como auxiliar. (Varsul/ Londrina)
- (27) Ele **chegou** a vir correndo, mas não alcançou o Papai Noel.

Pontes (1973) apresenta vários autores que propõem uma definição para verbos auxiliares e tenta resumir o que ela encontrou nas gramáticas a respeito de auxiliaridade. A autora diz que a idéia recorrente é diferenciar auxiliar de principal pela questão de significação em que se entende principal como um verbo de “significação plena” e auxiliar como aquele que, “ao se combinar com formas nominais do principal, perde seu sentido próprio”. (Celso Cunha, 1970, *apud* Pontes, *ibidem*). Ela questiona essa classificação dos verbos auxiliares com base no significado, pois se eles perdem o significado original, uma classificação assim não tem sentido.

Parece-nos que, se dizemos que o auxiliar é o verbo que na locução verbal perde seu significado próprio, que é um verbo secundário, cujo papel é auxiliar apenas o verbo principal na formação da conjugação composta, servindo para indicar tempo ou aspecto, não podemos, ao mesmo tempo, classificá-lo com base num significado que dizemos não ter. (Pontes, 1973, p. 36).

Por essa razão, ela afirma que a análise sobre auxiliaridade de um determinado item lexical numa sentença deve levar em conta, principalmente, o critério sintático e não o semântico. No entanto, devemos lembrar que os testes para verificação de auxiliaridade também são de ordem semântica, como demonstramos no caso da seleção argumental.

³ Achamos precipitado afirmar que a perífrase pode prescindir da preposição, pois as ocorrências sem preposição podem ser frutos da transcrição. Seria necessária uma investigação mais rigorosa a respeito.

Para Pontes (1973), a função do verbo auxiliar é tipicamente gramatical: cabe a ele carregar morfemas de pessoa-número e tempo. Tradicionalmente, atribuem-se aos auxiliares as funções de serem temporais, modais ou aspectuais. Se observamos o verbo *chegar* em (28), vemos que ele carrega as flexões típicas de verbos.

(28) Os tabeliães daqueles tempos [séc. 17] **chegavam** a transcrever diálogos inteiros das pessoas citadas em seus livros de registros, tais como eram falados. (RLP, n.1, p. 28).

O verbo *chegar* carrega: i) morfema de pessoa-número (-m); ii) morfema de tempo (-va); iii) tempo (pretérito imperfeito) e iv) aspecto, já que o pretérito imperfeito é um tempo que “atualiza aspectos como o imperfectivo, durativo e o habitual” (Travaglia, 1985, p. 152-154). Queremos deixar claro que, neste caso, não entendemos *chegar* como um auxiliar temporal ou aspectual, mas sim como um verbo que carrega essas marcas.

Longo & Campos (2002, p. 447) afirmam que a auxiliaridade pode ser definida como uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar, como forma relacional que toma por complemento um verbo-base; e a perífrase ou locução verbal, como um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação. Longo & Campos nos oferecem mais dois critérios para se definir o estatuto de auxiliar: a impossibilidade de desdobramento da oração e a existência de um sujeito único aliado à detematização – critério já apresentado por nós. Todos esses critérios estão intimamente relacionados.

Os verbos auxiliares formam com a base um grupo indissociável. Se pudermos desmembrar o grupo verbal em dois núcleos oracionais, não há auxiliaridade.

(29) a. Júlia sonhava comprar uma Ferrari.

b. Júlia sonhava que compraria uma Ferrari.

(30) a. Júlia acabava de comprar uma Ferrari.

b. *Júlia acabava de que compraria uma Ferrari.⁴

Facilmente podemos contatar que *chegar a + infinitivo* se comporta como (o segundo).

(31) a. Júlia chegou a comprar uma Ferrari.

b. *Júlia chegou a que comprava uma Ferrari.

A perífrase forma um complexo com apenas um sujeito, cujo papel temático deve ser compatível com o verbo que segue o *chegar a*. Se for possível atribuir sujeitos diferentes para os dois verbos, não há auxiliaridade – o encontro dos verbos é acidental. É o que se constata na seguinte frase:

(32) O chefe mandou-o descascar as batatas.⁵

Em (32), o sujeito de *descascar* não é o mesmo de *mandar*. Quando temos uma sentença com *chegar a + infinitivo*, o sujeito é sempre o mesmo. Portanto, mais uma vez demonstramos que temos aí um complexo e que *chegar* funciona, nesse complexo, como auxiliar.

No item 1.3, pretendemos esclarecer se o verbo em estudo pode ser classificado como um auxiliar temporal, aspectual ou modal, como tradicionalmente se faz com os auxiliares. Antes, porém, apresentamos a noção de gramaticalização, que é bastante recorrente em trabalhos sobre auxiliaridade.

1.2. Auxiliaridade e gramaticalização

O objetivo deste trabalho não é descrever ou explicar o verbo *chegar* diacronicamente. No entanto, é importante dizer que um bom número de teóricos levam em conta a questão da gramaticalização dos verbos plenos, que, em alguns casos, se

⁴ Os exemplos (29) e (30) são de Longo & Campos (2002).

⁵ O exemplo (32) é das mesmas autoras.

transformam em auxiliares. Por essa razão, acreditamos ser importante apresentar o que é a gramaticalização e como ela ocorre na língua.

Squartini (1998, p. 1) utiliza a seguinte definição para gramaticalização: “um processo gradual que resulta na transformação de um item lexical independente em um morfema gramatical”⁶. Desta forma, um item lexical começa seu processo de gramaticalização primeiro sendo usado em funções discursivas específicas (contexto), depois essa estrutura passa a ser fixada sintaticamente e, eventualmente, pode se firmar como um elemento incorporado à morfologia.

Segundo o autor, o processo de gramaticalização acontece seguindo alguns critérios básicos que, mesmo utilizados para uma descrição diacrônica, podem ser vistos ao nível sincrônico. Ao apresentar esses critérios não queremos verificar o estágio de gramaticalização de *chegar*, mas revelar algumas diferenças que existem entre um verbo auxiliar e seu correspondente pleno. Isso é importante para desfazermos a idéia de que, seguido de infinitivo, *chegar* continua sendo um verbo pleno. Entre os critérios apresentados por Squartini (1998), estão *a perda de valor semântico (desemantization)*, e *a diferença sintática (deategorialization)*, ambos tratados a seguir.

1.2.1. Perda de valor semântico (*desemantization*):

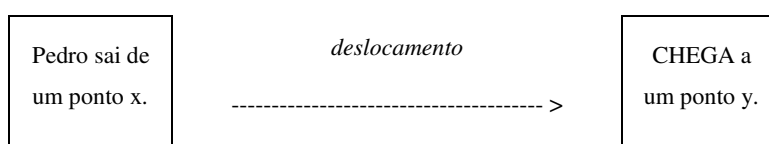
Muito usado para a definição de formas perifrásticas, é o processo pelo qual um item lexical perde seu valor semântico original para ganhar um valor gramatical. É o que acontece com o verbo *ir* em português, que mesmo existindo como um verbo pleno com sentido de movimento, tem um valor temporal (valor gramatical) nas perífrases que encabeça. Em relação a esse “enfraquecimento lexical” creditado aos auxiliares, Squartini (1998) ressalva que itens como *começar* e *parar* (auxiliares), seguidos de

⁶ Tradução minha.

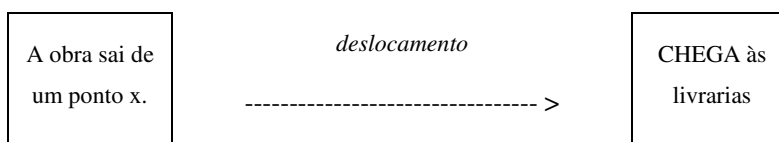
infinitivo, mantêm o valor semântico original e não apresentam características de um verbo semanticamente enfraquecido. Hopper (1991, *apud* Squartini, 1998) sustenta que as formas auxiliares mantêm alguns traços de persistência com as formas plenas (originais). Essa “persistência” pode ser chamada também de “retenção semântica” do valor lexical de um item.

Mendes (1999, *apud* Wachowicz, 2005, p. 5) segue Hopper, pois afirma “que o verbo auxiliar, na mesma relação com o verbo original, apresenta significado derivado de implicatura, geralmente de um ‘mundo real, físico’ para o ‘mundo do discurso’”. Embora tenhamos endossado a posição de Pontes ao afirmar que o auxiliar perde seu sentido próprio, acreditamos que essa “persistência semântica” pode ser verificada com o verbo *chegar*: parte-se de um mundo físico, em que *chegar* demarca um ponto atingido pelo sujeito, o fim de um determinado deslocamento e transporta-se essa idéia para outras esferas. Em todos os casos, o falante que utiliza *chegar* marca um determinado ponto (físico ou não) atingido pelo sujeito. Essa semelhança pode ser observada nas sentenças a seguir.

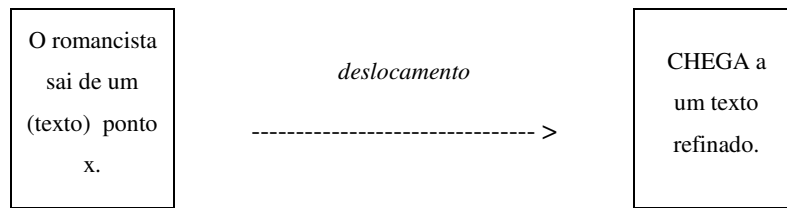
(33) Pedro **chegou**.



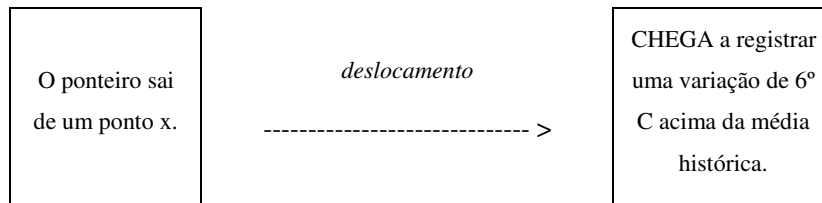
(34) Até o fim de outubro **chega** às livrarias uma obra que promete reviver um marco da infância em língua portuguesa: a revista Tico-Tico, que comemoraria centenário este mês. (RLP, n. 2, p. 8)



(35) O romancista João Ubaldo Ribeiro conta como **chegou** a um texto refinado sem cair nas armadilhas do rebuscamento. (RLP, n. 9, capa).



(36) Os efeitos [do aquecimento global] também foram sentidos no Brasil. Por aqui, o ponteiro **chegou** a registrar a variação de 6° C acima da média histórica. (RGH, n. 4, p. 17).



Em (33), o verbo *chegar* foi utilizado no sentido pleno e na marcação mais física possível de deslocamento, inclusive com um sujeito animado e que pode controlar a ação verbal (*Pedro*); intencionalmente não marcamos os pontos de origem e destino e atribuímos a eles variáveis, respectivamente (x e y). A sentença (34) também é um deslocamento físico, mas agora com um sujeito não-animado (*uma obra*), que não é capaz de controlar a ação verbal; nessa sentença, o destino está marcado (*as livrarias*), mas a origem não. Em (35), vemos que o deslocamento já não é físico. O sujeito desloca-se, é verdade, mas dentro de uma característica específica: o ato de escrever. Ele sai de um ponto x – uma escrita não-refinada –, atinge uma escrita refinada e o que se desloca é o estilo, a qualidade da escrita. Finalmente, (36) é o contexto ao qual nos prendemos neste trabalho. Podemos ver que o sujeito (o ponteiro) desloca-se, mas esse é menos um deslocamento físico de um ponto a outro, e mais uma variação térmica, uma mudança que não precisa sequer ser medida por um ponteiro – pode ser digital. Isso considerado, vemos que *chegar* indica o ponto atingido por esse ponteiro (essa variação), o “final do deslocamento”, que é o verbo no infinitivo e os sintagmas que o acompanham: *registrar uma variação de 6° C acima da média histórica*.

Segundo Guérios (1979, p. 54), o sentido original de *chegar* – do lat. *plicare* – é “dobrar, fazer dobras ou pregas”, isso porque, esse verbo era usado quando a embarcação chegava a um porto e a tripulação dobrava as velas. Desde o seu sentido primeiro, podemos entender *chegar* como um verbo que sugeria o atingimento de um ponto (que só poderia ocorrer por meio de um deslocamento), no caso, dos barcos que chegavam ao porto. Esse atingimento se mantém nos contextos acima apresentados. Assim, parece-nos seguro dizer que houve gramaticalização desse verbo, com a persistência da idéia de atingimento de um ponto para o auxiliar. Apresentamos, a seguir, outros critérios utilizados para a categorização de um auxiliar.

1.2.2. Diferença sintática (*decategoryalization*):

O verbo auxiliar de uma perífrase possui restrições e comportamento sintáticos diferentes daqueles do seu correspondente pleno. Squartini (1998) fala de uma diferença sintática em que o item utilizado como verbo pleno aceita perguntas que tenham como respostas o sujeito (37) enquanto que, se estiver sendo utilizado como auxiliar, essa pergunta não tem sentido. Nesse caso, para obtermos o argumento externo como resposta, é preciso fazer a pergunta considerando os verbos auxiliar e principal (38). Isso dá ao verbo auxiliar uma diferença sintática, como mostram as sentenças a seguir.

(37) a. O jogo acabou.

b. O que acabou? – O jogo.

(38) a. O jogo acabou começando atrasado por causa do mau tempo.

b. #O que acabou? – O jogo.

c. O que acabou começando atrasado? – O jogo.

A aceitação de (37b) partindo da sentença (37a) e a agramaticalidade de (38b) a partir da sentença em (38a) evidenciam que *acabar* tem um comportamento sintático enquanto verbo pleno (37) e outro enquanto auxiliar (38). No primeiro caso, uma pergunta feita ao verbo tem como resposta o argumento externo. No segundo caso, a

mesma pergunta soa agramatical, por mais que mostre o argumento externo. Para que ela seja válida, é preciso que a pergunta leve em consideração toda a perífrase (38c).

Esse critério funciona como um argumento forte para considerarmos *chegar* um verbo auxiliar. Vejamos os exemplos.

(39) a. [Os cientistas queriam] descobrir a melhor maneira de reanimar pessoas que **chegam** quase congeladas aos hospitais. (RS, ed. 225, p.54)

b. Quem chega? — As pessoas.

(40) a. Minha casa **chegou** a baixar por causa disso. (Varsul/ Curitiba)

b. #O que chegou? — Minha casa.

c. O que chegou a baixar? — Minha casa.

Em (39a), *chegar* está sendo empregado no sentido pleno, por isso a pergunta feita a ele tem como resposta o sujeito (39b). Em (40), o verbo *chegar* está sendo usado como auxiliar. Por essa razão, a pergunta em (40b) não tem sentido e não gera como resposta o sujeito. Finalmente, a pergunta feita em (40c) é adequada, porque leva em consideração toda a perífrase. O critério da diferença sintática parece-nos mais eficiente que o da perda de valor semântico e nos dá uma garantia melhor para postular *chegar* como auxiliar.

1.3. Que tipo de auxiliar é *chegar*?

Os testes que fizemos até aqui (seleção argumental ou detematização, apassivação, desdobramento da oração, existência de sujeito único, critério da pergunta) foram decisivos para que possamos afirmar: *chegar* é um auxiliar quando seguido de infinitivo. A gramática tradicional afirma que as locuções verbais do português expressam tempo, aspecto, modo e voz. Se estamos afirmando que *chegar* é um auxiliar, devemos então considerar que informação, dentre estas, uma perífrase com *chegar* veicula. De pronto descartamos a possibilidade de expressar voz, pois, como

sabemos, a única perífrase de voz é *ser+particípio*. Vamos ter que considerar, portanto, tempo, modo e aspecto.

1.3.1. Perífrases temporais

Caracterizamos temporalidade, seguindo Longo & Campos (2002), como a categoria dêitica que expressa relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade entre três momentos, o da fala, o do evento e o da referência. Nas perífrases temporais, o auxiliar interage com a base, fornecendo uma interpretação temporal, para o todo, que não coincide com a determinada pelo morfema modo-temporal, isoladamente. Longo & Campos observam que o auxiliar de tempo funciona de maneira análoga à de um morfema gramatical de tempo que fosse afixado ao radical de um verbo pleno. Por exemplo, em (41a, abaixo), *havíamos* recebe a interpretação de imperfeito do indicativo, e o complexo *havíamos programado*, de mais-que-perfeito. Da mesma forma, *vão* em (41b) apresenta flexão de presente do indicativo, mas o complexo *vão comprar* tem valor de futuro.

- (41) a. Nós *havíamos* programado nove ou dez filhos.
b. Eles *vão* comprar um carro zero.

Comparemos, agora, os exemplos em (42).

- (42) a. Pedro *vai* almoçar.
b. Pedro **chegou a** almoçar.

Como em PB a perífrase *ir+infinitivo* tem valor de futuro, em (42a), ela é responsável por informar que a ação principal acontecerá num momento posterior ao momento da fala. A perífrase *chegar a+infinitivo* não tem qualquer valor temporal. Nenhuma informação nesse sentido é dada pelo auxiliar, mas sim pelo morfema que a ele se liga, no caso, *-ou* (pretérito perfeito). Por isso, não podemos dizer que *chegar* seja um auxiliar temporal.

Segundo Longo & Campos (2002), os auxiliares formadores de tempo, ao contrário dos outros auxiliares que indicam tempo por ser suportes da flexão modal-temporal, acarretam um efeito sistemático na interpretação temporal da sentença. Segundo as autoras, isso reforça a hipótese de que, nos auxiliares temporais, o processo de gramaticalização atingiu, no português, grau mais alto do que nos aspectuais.

De acordo com Longo 1990 (*apud* Longo & Campos 2002), as perífrases temporais ocorrentes no português escrito contemporâneo são (colocamos alguns exemplos, em itálico):

	Infinitivo	Particípio
Perfeito	Acabar de + presente <i>acaba de chegar</i> Vir de + presente	Ter + presente <i>tem estudado</i>
Mais-que-perfeito	Acabar de + imperfeito <i>acabava de almoçar</i> Vir de + imperfeito	Haver + imperfeito Ter + imperfeito <i>tinha tentado</i>
Futuro do presente	Estar para + presente <i>estou para vencer</i> Haver de + presente <i>hei de conseguir</i> Ir + presente	Ter + futuro do presente
Futuro do pretérito	Estar para + imperfeito Haver de + imperfeito Ir + imperfeito	Ter + futuro do pretérito <i>teria chegado</i>

A partir dessa tabela, as autoras fazem um estudo das perífrases temporais que ocorrem no *corpus* do Projeto Nurc (São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador) e não adicionam nenhuma outra forma temporal à tabela.

Com isso, podemos concluir que a perífrase *chegar a + infinito* não é usada para expressar tempo no português do Brasil.

1.3.2. A expressão de modo

A modalidade traduz uma apreciação qualitativa em relação ao enunciado. Blühdorn & Evangelista (1998, p. 2) afirmam que todos os modais exigem “o infinitivo de um outro verbo como complemento”. Se afirmamos que *chegar* precisa ser sempre seguido de infinitivo para ser auxiliar e que indicar o modo é uma característica de um verbo auxiliar, acreditamos ser necessário apresentar uma análise melhor sobre modalidade. Blühdorn & Evangelista (1998) trabalham com três tipos de modalidade: alética (ou lógica), deôntica (ou ética) e epistêmica (ou cognitiva). Eles definem a “modalidade como um sistema de relações entre proposições e enunciações” (*idem*, p. 3). As proposições, junções entre predicados e argumentos, estão ligadas à modalidade alética e as enunciações, uma proposição lingüisticamente explicitada, ligadas às modalidades deôntica e epistêmica.

A modalidade **alética** refere-se à necessidade, (im)possibilidade e contingência lógicas⁷. Alguns exemplos dos autores:

Necessidade lógica: ter de/ que

Se um carro é mais rápido que uma bicicleta e um avião é mais rápido que um carro, um avião tem que ser mais rápido que uma bicicleta.

⁷ Como as tabelas sobre modalidades são muito extensas e complexas para as pretensões desse trabalho, mostraremos apenas alguns pontos. Por isso a ausência da contingência lógica.

Impossibilidade lógica: não poder

Se um avião é maior que um carro e um carro é maior que uma bicicleta, uma bicicleta não pode ser maior que um avião.

No primeiro caso, temos uma relação de três elementos em que A (carro) é mais veloz que B (bicicleta) e C (avião) é mais veloz que A. Por necessidade lógica, vemos, portanto, que C tem que ser mais veloz que B. No segundo caso, a relação continua sendo feita entre os três elementos: C é maior de A; A é maior que B; logo, B não pode ser maior que C. Podemos notar que nenhuma dessas relações acima pode ser atribuída ao auxiliar *chegar* numa sentença como (42b), um exemplo do foco de nossa pesquisa. Ele não atribui necessidade, (im)possibilidade ou contingência, por isso, não é um auxiliar de modalidade **alética**.

A modalidade **epistêmica** trata, entre outros aspectos, da necessidade ou da impossibilidade para alguém. Alguns exemplos:

<u>Necessidade para o falante: dever</u>	<u>Necessidade para o sujeito</u>	<u>Necessidade para um terceiro</u>
Alguém bate à porta: Deve ser o Pedro.	Você/ ele diz que bebeu 2 garrafas de cachaça.	Dizem que eu/ ele bebi/ bebeu 2 garrafas de cachaça.

Pelos exemplos dessa modalidade, acreditamos não ser possível encaixar o auxiliar *chegar* nas relações da modalidade **epistêmica**.

A última modalidade apresentada é a **deôntica**. Entre as relações apresentadas, estão a necessidade, a (im)possibilidade e a contingência para o falante, para o sujeito e para um terceiro. Exemplos:

<u>Necessidade para o sujeito: ir, querer</u>	<u>Necessidade para o falante: ir, ter de/ que, dever</u>	<u>Necessidade para um terceiro: ter de/ que, dever</u>
Você/ ele quer dormir agora.	Você/ ele tem que trabalhar agora.	Ele deve me ajudar.
Você/ ele quer tomar uma cerveja agora.	Você deve agora calar a boca.	

<u>Contingência para o</u> <u>sujeito: não querer</u>	<u>Contingência para o</u> <u>falante: não precisar, poder</u>	<u>Contingência para um</u> <u>terceiro:</u>
Ele não quer dormir agora.	Você não precisa trabalhar.	Não preciso ir à escola.
Ele não quer trabalhar.	Ela não precisa vir.	Não tenho que ir à escola.

Mais uma vez, não encontramos nas relações dessa modalidade qualquer relação com o papel de *chegar* em uma sentença em que ele se apresente como auxiliar. Assim como afirmamos que *chegar* não é um auxiliar temporal, postulamos também que *chegar* não é um modal, ou seja, ele não denota possibilidade, impossibilidade, necessidade ou contingência nas sentenças em que se insere.

Longo & Campos (2002), apoiadas em Roberts (1992)⁸, classificam os verbos em plenos, auxiliares lexicais e auxiliares funcionais. Observam que em línguas como o inglês, os modais são auxiliares funcionais, ou seja, são equivalentes a afixos temporais, com a diferença de pertencerem a outra categoria. A partir dessa comparação, as autoras afirmam que, no português, os modais associam-se a elementos que não admitem tempo, como os gerúndios. Além disso, selecionam tematicamente os seus argumentos. Usam as sentenças abaixo para exemplificar as afirmações feitas.

- (43) a. Podendo vir, não faça cerimônia.
b. *Este vaso quis quebrar. (= teve o desejo de)

As autoras questionam o fato de os modais serem auxiliares. Dizem que

se admitirmos serem os modais portugueses verbos plenos, que tomam uma oração por argumento, teremos de aceitar que eles não estão gramaticalizados em nossa língua, ainda que alguns deles já tenham iniciado o processo de gramaticalização (p.446).

Investigar essa questão seria, por si só, uma nova pesquisa. Independentemente de essas afirmações estarem corretas, elas reforçam as observações que fizemos acima:

⁸ ROBERTS, I. A formal account of grammaticalization in the history of Romance futures. University of Wales, 1992, mimeo.

não há nenhuma evidência de que o verbo chegar expresse modalidade quando na perífrase com infinitivo.

Resta, portanto, averiguarmos a possibilidade de ele expressar aspecto e reservamos, para isso, todo o segundo capítulo, já que a discussão, neste caso, é bem mais complexa. Como há, na literatura, algumas afirmações de que *chegar* marca aspecto, achamos necessário fazer uma discussão mais extensa para, no final, apresentarmos uma conclusão mais segura.

Capítulo 2

Neste capítulo, procuraremos mostrar a discussão de *chegar* como auxiliar aspectual e as dificuldades de se sustentar tal análise. O que parece haver com esse verbo é uma tentativa de classificá-lo como um auxiliar aspectual – como o fazem Almeida (1980), Torrego (1988) e Neves (2000) – por não ser possível dizer que ele é um auxiliar temporal ou modal. Acreditamos que isso seja um equívoco e este capítulo pretende responder o porquê.

2. ASPECTO E ACIONALIDADE

Na literatura, há uma confusão terminológica no que diz respeito às noções de aspecto. Por essa razão, Wachowicz & Foltran (2006) argumentam sobre a necessidade de se distinguir o que se chama de aspecto lexical (aqui, acionalidade) e aspecto gramatical (aqui, simplesmente aspecto).

As autoras mostram como se distinguiu acionalidade de aspecto. A acionalidade pode ser determinada a partir da classificação vendleriana, que classifica os verbos em estativos, verbos de atividade, *accomplishments* e *achievements*. Os estativos e os verbos de atividade não precisam de um ponto de culminação, por isso são chamados de atélicos; os *accomplishments* e os *achievements* precisam desse ponto, por isso são chamados de télicos. Adiante, mostraremos os pormenores dessa divisão.

O aspecto está relacionado com a morfologia verbal e com a composicionalidade da sentença. Wachowicz & Foltran (2006: p. 222) afirmam que “as flexões verbais, num nível mais próximo ao lexical, também atuam na interpretação aspectual da sentença”. Elas sustentam que o aspecto gramatical informa sobre a ação, “seu limite (ou não), seu completamento (ou não), ou ao que comumente é chamado por aspecto perfectivo (ou imperfectivo) da sentença” (*ibidem*).

As autoras consideram que as perífrases também são responsáveis por distinções do tipo perfectivo e imperfectivo e que algumas línguas mantêm uma relação estreita entre (a)telicidade e (im)perfectividade, apresentada por Squartini (1998) em uma análise específica para as perífrases das línguas românicas. A partir do trabalho desse autor, verificamos algumas restrições em sentenças com *chegar* e analisamos a influência desse verbo na acionalidade da sentença, o que apresentaremos a seguir.

2.1. A noção de aspecto

De modo geral, ao falar de aspecto, os autores procuram deixar clara a separação entre aspecto e tempo. Travaglia (1985) e Squartini (1998) explicam que *tempo verbal* é a localização de um enunciado em relação ao momento de fala na linha do tempo. Dessa forma, se alguém diz *Pedro comeu uma maçã*, temporalmente se está dizendo que o fato de “comer maçã” aconteceu num momento anterior ao momento da fala. Do mesmo modo, se fosse dito *Pedro comerá uma maçã*, se estaria dizendo que a ação de “comer maçã” seria realizada num momento posterior ao momento da fala. Por tomar como referência o ponto de enunciação na linha do tempo, diz-se que o tempo é uma categoria dêitica.

Por outro lado, a caracterização de um aspecto em um enunciado será realizada tomando-se por base “a constituição temporal interna de uma situação”⁹ (Comrie, 1976, *apud* Squartini, 1998, p. 3). Sob esse ponto de vista, podemos entender a definição de Travaglia (1985, p. 53) para aspecto:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e a da realização da situação.

Quando Travaglia diz que é uma categoria de TEMPO, em maiúsculas, quer apenas reforçar a idéia do tempo interno da situação descrita e não como uma categoria dêitica.

O autor afirma ainda que o aspecto não é uma noção exclusivamente verbal, mas está presente também em outras classes, como alguns advérbios.

2.1.1. Valores aspectuais

Castilho e Moraes de Castilho (1994, *apud* Wachowicz, 2003, p. 5) propõem uma tabela para ilustrar os valores aspectuais do PB¹⁰, classificados pelos autores em três grupos: permansivo, em que um estado de coisas “não muda no tempo”, sendo, portanto, incontável; operativo, em que um estado de coisas “muda no tempo”, sendo, assim, contável e o resultativo, em que um estado de coisas centra-se “no resultado da ação, e não nela própria.” O operativo possui dois critérios de análise: o quantitativo (episódico e habitual) e qualitativo (perfectivo e imperfectivo).

⁹ Tradução minha.

¹⁰ Também Travaglia (1985) apresenta um quadro sobre os valores aspectuais.

valores aspectuais / exemplos				
estados de coisas	permansivo	<i>A árvore está vivendo</i>		
	operativo	critério quantitativo	episódico	<i>João está plantando uma árvore</i>
			iterativo	<i>João está plantando três árvores</i>
			habitual	<i>João está plantando árvores</i>
		critério qualitativo	perfectivo	<i>João plantou uma árvore</i>
	imperfectivo		<i>João está plantando uma árvore</i>	
resultativo	<i>Ele pôs-se a plantar árvores</i>			

tabela 1: adaptação da classificação aspectual de Castilho & Moraes de Castilho 1994 para dados do PB.

Wachowicz (*idem*), que fez a adaptação da tabela acima, diz que os “dois critérios do estado de coisas operativo não são excludentes, pois *João plantou uma árvore* pode ser ao mesmo tempo episódico e perfectivo”. Travaglia (1985) também explica que diferentes valores aspectuais podem co-ocorrer em uma dada sentença, se não forem da mesma natureza. Desta forma, a apresentação de alguns valores aspectuais, a seguir, não tem a intenção de limitar um determinado aspecto a uma sentença, mas apenas ilustrar como ele pode ocorrer na língua.

2.1.1.1. Perfectivo

Travaglia (1985) baseia-se nas idéias de Comrie para afirmarem que o perfectivo é caracterizado pela apresentação plena da situação, ou seja, por não especificar a divisão interna do fato – começo, meio, fim ou mesmo fases de um determinado evento, por exemplo. Para Travaglia (1985, p. 96), no caso do perfectivo, “é como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade”.

(44) Eu teria emoldurado muitos quadros se a cola não tivesse acabado.

Como o nosso foco de pesquisa é a perífrase encabeçada por *chegar*, principiamos por verificar se o verbo auxiliar seria o responsável por atualizar o perfectivo. Vimos que não. O que ele pode fazer é carregar um valor perfectivo por

conta da flexão verbal (-ou, marca do pretérito perfeito), como ocorre em (45a). Se *chegar* fosse responsável pela perfectividade de uma sentença, (45b) deveria ser lida sob tal ponto de vista, o que é descabido. No entanto, ali temos o valor aspectual imperfeito, porque o presente (*chega*) indica que a ação não foi concluída, sendo também uma indicação de iteratividade.

- (45) a. Pedro **chegou** a emoldurar 10 quadros por semana.
b. Pedro **chega** a emoldurar 10 quadros por semana.

2.1.1.2. Imperfectivo

Se uma situação é marcada como incompleta, ela é dita imperfectiva. Nela, não temos a situação apresentada em sua globalidade, mas em seu início, meio, fim, ou em fases de constituição do evento. Em (45b), como vimos, a ação de emoldurar quadros é imperfectiva. A sentença (46) apresenta igualmente o imperfectivo, dado pela perífrase *estar+gerúndio*, que marca a cursividade da situação.

- (46) Está chovendo muito forte.

2.1.1.3. Terminativo

É a situação apresentada em seu ponto de término (47) ou em seus momentos finais (48). Para Almeida (1980) é neste aspecto que deve ser inserido o auxiliar *chegar*, já que o fato de este verbo indicar um resultado ou uma consequência é uma das formas de mostrar o término de um processo.

- (47) Paula saiu ao meio-dia.
(48) Paula está terminando de se arrumar.
(49) Ele é tão feio que chega a dar medo.

Na sentença (49), a situação *dar medo* não é apresentada em seu término ou em seus momentos finais. Por essa razão, somos forçados a discordar de Almeida (1980) e o fazemos com mais detalhes no item 2.2.

2.1.2. Resultatividade: aspecto ou noção semântica?

Para Houaiss (2001, p. 697) *chegar* seguido de infinitivo é um auxiliar aspectual e indica que “a ação do verbo principal se apresenta como um resultado relativamente às ações anteriores”. O autor, porém, não afirma que o auxiliar indica um aspecto resultativo. Aliás, para Travaglia (1985), a resultatividade *sequer* é um aspecto, mas uma noção semântica que está ligada ao aspecto acabado. Pode ocorrer para demonstrar um “estado resultante de uma situação dinâmica que se concluiu” (Travaglia, op. cit., p. 68), como acontece na sentença (50), em que a preparação do jantar é a situação dinâmica e o jantar estar preparado é a conclusão dessa situação, ou “a indicação de que a situação se concluiu com o atingimento de um ponto terminal” (*idem*, p. 69), como na sentença (51), em que o resultado da ação de Teresa é a luz estar apagada.

(50) O jantar está preparado. Quando posso servi-lo?

(51) Teresa apagou a luz.

A resultatividade – de sentenças como (51) – ocorre com verbos télicos em situações perfectivas. Ela depende deste aspecto e está “sempre ligada ao aspecto acabado” (*ibidem*).

Castilho (2002) insere o aspecto resultativo como um subtipo do perfectivo. Para o autor, se numa dada sentença ressalta-se um estado presente de algo que é resultado de uma ação no passado, tem-se o resultativo. Como exemplos:

(52) A mala está arrumada. (Alguém arrumou – resultado → ela está arrumada)

(53) As provas estão corrigidas. (Alguém corrigiu – resultado → elas estão corrigidas)

(54) Ficou resolvido que não sairíamos de casa. (Alguém resolveu – resultado → ficou resolvido)

Além de Houaiss (2001), também Almeida (1980), Torrego (1988) e Neves (2000) falam sobre a resultatividade (conseqüência). Para todos eles, o auxiliar *chegar* mostra sempre um resultado ou uma conseqüência e, na maioria das sentenças verificadas por nós, pudemos comprovar que isso ocorre. Nesse ponto, é preciso esclarecer que a relação causa-conseqüência (ou resultado) não é uma relação lógica. A idéia dos autores que tratam do assunto não é a de que uma determinada causa vai levar lógica e seguramente a uma determinada conseqüência, mas uma conseqüência, um resultado pode ter tido como motivação um fato anteriormente apresentado. É por isso que comentaremos alguns exemplos em que nos parece ter ocorrido essa motivação, mas mostraremos também alguns contra-exemplos. As sentenças em (55) dão mostras dessa noção de resultatividade/ conseqüência.

(55) a. A afirmação causou irritação na Petrobras, que **chegou** a divulgar uma nota dura criticando as declarações do BC. (FSP, 18 nov. 2004, B1)

b. O ex-craque Pelé afirmou que ficou tão nervoso com seu colega de classe que inventou seu apelido, que **chegou** a agredi-lo. (Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u96965.shtml>> Acesso: 03 jun. 2006)

No primeiro exemplo, “chegou a divulgar uma nota dura criticando as declarações do BC” é uma conseqüência da irritação da Petrobras. Em (55b), é preciso considerar que a idéia de conseqüência fica mais explícita pelo fato de *chegar* estar inserido em uma oração consecutiva. Para Almeida (1980), *chegar* se insere bem nesse tipo de oração pela característica que lhe é peculiar e sobre a qual estamos tratando nesse tópico: a resultatividade. Há, no entanto, outros casos em que não se tem uma oração consecutiva, mas *chegar* aponta para uma conseqüência.

(56) Era uma vez Hollywood, no final dos anos 60. Os filmes que ela produzia não faziam mais sucesso. (...) Muitos estúdios se encontravam à venda.

Um deles, a Paramount, **chegou** a alugar suas dependências para escritórios de advocacia e até para festas de casamento para ganhar uns trocados. (RS, ed. 218, p. 71)

Em (56), embora sem a presença de uma oração consecutiva, aparentemente vemos uma conseqüência para o fato de Hollywood estar perdendo força e seus filmes não fazerem mais sucesso: o aluguel das dependências da Paramount. Há a possibilidade de se considerar o aluguel das dependências da Paramount não como uma conseqüência lógica, mas como uma etapa da crise vivida em Hollywood. Mas, nesse ponto, estaríamos numa espécie de última etapa da crise, o que reforçaria o senso de resultado.

No entanto, nem sempre percebemos um resultado/ conseqüência com presença do auxiliar *chegar* em uma sentença, como mostram os casos dados em (57).

- (57) a. O projeto [de anistia para João e Janete Capiberibe], que teve assinatura de apoio de 42 senadores, **chegou** a ser lido ontem no plenário da Casa, mas não será publicado. (FSP, 18 nov. 2004, A7)
- b. O Banco do Brasil **chegou** a ter R\$ 50 milhões no Banco Santos, que sofreu intervenção na sexta-feira. Foi tirando o dinheiro, tirando, tirando – até que sobraram 700 mil euros em papéis da dívida brasileira, ou cerca de R\$ 3 milhões. (FSP, 18 nov. 2004, E2)
- c. Weverson **chegou** a ser goleiro do São Paulo na Copa São Paulo Jr. (GP, 12 ago. 2006, esportes, p.3)
- d. Nunca fui bom em gramática, em nenhuma das línguas que aprendi, mas **cheguei** a corrigir colegas meus brasileiros quando falavam errado. (RLP, n. 9, p. 32)
- e. Enquanto alguns médicos rotulavam [o chá] como um veneno, outros **chegavam** a recomendar a ingestão de 50 xícaras diárias para os doentes. (RGH, n. 4, p. 40)
- f. Que eu acho quando eles **chegam** a casar, já não tem mais nem graça. (Varsul/ Florianópolis)
- g. Walter, Casa Walter em Curitiba, você **chegou** a conhecer? (Varsul/

Londrina)

Não é difícil notar a diferença dessas sentenças com aquelas anteriormente apresentadas. Em (57a), o projeto foi lido, mas não há causa na sentença para afirmarmos que *chegar a ser lido no plenário* seja uma consequência; (57b) também não apresenta consequência, pois não se percebe uma motivação anterior. O fato de o Banco do Brasil chegar a ter 50 milhões no Banco Santos não é resultado ou consequência de nada. O exemplo (57c) igualmente não apresenta qualquer causa para um resultado. Em (57d), dizer que *chegar a corrigir colegas meus brasileiros* é uma consequência soa contraditório com a afirmação do autor: se ele nunca foi bom nas gramáticas das línguas que aprendeu, isso não pode ser a causa da consequência de ele corrigir os colegas. A sentença (57e) seria a prova de uma afirmação anterior do tipo “logo que foi descoberto, o chá era avaliado com opiniões contraditórias”. No entanto, no contexto de onde retiramos essa sentença não há nada nesse sentido, o que não autoriza dizer aqui que *chegar* indica consequência. Em (57f), *chegar a casar* também não é consequência porque não apresenta motivação anterior. Enfim, na sentença (57g), não observamos qualquer resultado vindo de *chegar* e, mesmo que quiséssemos considerar *conhecer* como consequência, aquilo que se interroga, não veríamos qualquer motivação inicial que nos levasse a isso.

2.2. Sobre o valor aspectual do auxiliar *chegar*

No espanhol, Torrego (1988, p. 118) insere a perífrase *llegar+a+infinitivo* no grupo das perífrases que marcam o aspecto terminativo, que para o autor “apresentam a ação do verbo em seu término ou aproximando-se deste término¹¹”. De acordo com ele, essa perífrase expressa a culminação de um processo e isso se deve ao próprio valor do

¹¹ Tradução minha.

verbo *llegar*, “como verbo que expressa um movimento gerado em seu término¹²” (*idem*, p. 121). Para Torrego (1988, pp. 121-122), o verbo vai significar, basicamente, *conseguir algo* (58) ou *alcançar algo* (59).

(58) Tu hijo *llegó a ser* ministro.

(59) *Llegué a perder* en un día todo lo que había ganado en un año.

No PB, tratando de verbos que marcam aspecto, Neves (2000, p. 64) não discute com detalhes a perífrase *chegar a+infinitivo* e faz apenas uma classificação para *chegar*: auxiliar que mostra **consecução**.

Houaiss (2001), inicialmente, lista uma série de definições mais canônicas para *chegar* e, em seguida, apresenta esse verbo como um auxiliar aspectual utilizado para indicar que

a ação denotada pelo verbo principal se apresenta como um resultado relativamente às ações anteriores não explicitadas e/ou há uma avaliação subjetiva por parte do falante em relação ao fato que enuncia. (Houaiss, 2001, p. 697).

A definição de Houaiss (2001) se aproxima da classificação de Neves (2000), já que um resultado não deixa de ser uma consequência de uma ação – ou algumas ações.

O trabalho de Torrego (1988), para o espanhol, aproxima-se de Almeida (1980), para o PB. Para este último, *chegar a+infinitivo* é uma perífrase que faz parte de uma série de outras que indicam o aspecto **terminativo**. *Chegar*, nesse caso, atualiza esse aspecto, apresentando um resultado e/ou uma consequência. Essa análise, que vale para os dois autores, segue uma tendência de *chegar* como auxiliar. Na maioria dos casos coletados por nós, a perífrase em questão aponta para um ponto, um término (ou aproximação do término) de determinadas ações, o que aparentemente se aproxima de

¹² como verbo que expresa un movimiento concebido en su término

uma perífrase que atualiza o aspecto terminativo, como acontece com *terminar+infinitivo*.

No entanto, a idéia de que *chegar* possa ser um auxiliar atualizador do aspecto terminativo, como afirmam Almeida (1980) e Torrego (1988) é discutível. Assim como Travaglia (1985), eles consideram o aspecto terminativo como aquele que mostra a ação do verbo no infinitivo em seu término ou em seus momentos finais. Se *chegar* fosse como *terminar*, ele deveria mostrar que a ação denotada pelo verbo principal está no fim ou já terminou.

- (60) a. Ivo terminou de pintar a parede.
b. Ivo está terminando de pintar a parede.
- (61) a. Ivo chegou a pintar a parede.
b. *Ivo está chegando a pintar a parede.

Em (60), *terminar* indica o fim da ação do verbo *pintar*. Daí o aspecto terminativo: o fim, ou os momentos finais de determinada ação. Em (61), o fim da pintura não é indicado por *chegar*. Este verbo sugere algo que está além da sentença e que *pintar* é um ponto atingido por Ivo (entre os diversos, talvez o mais alto). Além disso, um progressivo para indicar os momentos finais da pintura com o verbo *terminar* (60b) é perfeitamente gramatical, mas não funciona com o verbo *chegar* (61b).

De acordo com o trabalho de Torrego (1988), para o espanhol, e Almeida (1980), para o português, o auxiliar *chegar* (*llegar*, no espanhol) marca o resultado ou a consequência dentro do aspecto terminativo. A pergunta, então, é: *chegar* mostra o término ou os últimos momentos de uma determinada ação? Comparemos os exemplos a seguir:

- (62) a. Espere um momento que **estou acabando de arrematar** seu vestido.
(Travaglia, 1985, p. 113)
b. Quando cheguei em casa, Sérgio **acabava de encerrar** o chão.

(Travaglia, 1985, p. 258)

c. Rita **terminou de limpar a casa** às 11 horas. (Travaglia, 1985, p. 113)

Dos exemplos acima, Travaglia considera que (62c) mostra o término de uma determinada ação e (62a-b) os seus momentos finais.

Com relação ao verbo *chegar*, no sentido pleno, Travaglia (*idem*, p. 114) considera que ele indica o aspecto terminativo por ser o término da ação de *ir* ou *vir*. Mas, a essa idéia, o autor não acrescenta o uso de *chegar* precedendo infinitivo.

(63) Pedro chegou. (término da ação de *ir/ vir*)

As sentenças em (64) são exemplos de perífrases consideradas por Torrego (1988) como terminativas.

- (64) a. **Dejé de leer** tu libro.
b. **Acabé de pintar** ese cuadro.
c. **Acabé por enfadarme**.
d. Tu hijo **llegó a ser** ministro.
e. He **pasado a ser** más tranquilo.

Em todos os casos, o autor argumenta que acontece o término do fato apresentado pelo verbo no infinitivo. Mesmo com o verbo *pasar* (passar, em português) o autor alega que acontece o fim de um determinado estado (ou ação) e o princípio de outro estado (ou ação).

É importante dizer que, quando Torrego (1988) afirma “a ação do verbo em seu término” (*idem*, p. 118), o verbo ao qual ele se refere é aquele que está no infinitivo e segue o auxiliar. Isso reforça a idéia de que o estado (ou ação) que se considera em término é aquele dado pelo infinitivo, o que não acontece com *llegar* (64d): o filho **não terminou** a ação de “ser ministro”, mas **atingiu esse ponto**.

A perífrase iniciada por *chegar* e essas destacadas a seguir são algumas que, para Almeida (1980) atualizam o aspecto terminativo.

- (65) a. Zéli **acaba de jantar** e observa o pai. (Almeida, 1980, p.89)
b. Pouco a pouco, a voz rasgante **deixou de se ouvir**. (*Idem*, p. 93)
c. **Terminara de revistar** a gaveta da cômoda e agora abria o armário (*Idem*, p.103)

Para a sentença em (65a), o autor afirma: “o verbo **acabar**, em seu valor perfectivo, empresta à construção a idéia de término da ação do verbo infinitivo, que obviamente teve certa duração” (*idem*, p. 89). Na sentença (65b), o autor considera que acontece a cessação da idéia apresentada pelo infinitivo e, a isso, podemos acrescentar que *deixar de* passa uma idéia de interrupção da ação, não necessariamente da completude dela. Na sentença (65c) o uso é idêntico ao de *acabar*, sendo, entretanto, de uso menos freqüente.

Os exemplos esclarecem que um auxiliar que atualiza o aspecto terminativo toma o evento do verbo que está no infinitivo como encerrado ou em seus momentos finais. Isso não pode ser aplicado a sentenças com *chegar a+infinitivo*, porque o auxiliar, nesse caso, não mostra o término ou os momentos finais do evento dado pelo verbo principal.

Sendo assim, qual aspecto é atualizado por *chegar*? Aparentemente, nenhum. O fato de preceder um verbo no infinitivo e de se comportar sintaticamente como auxiliar não garantem que ele atualize por si só um dado aspecto no verbo principal. Quando o falante utiliza uma perífrase encabeçada por *chegar*, ele mostra ao ouvinte que o sujeito atingiu um ponto – que pode ser o mais alto em uma escala. Portanto, acreditamos ser uma idéia frágil sustentar que *chegar* atualiza algum aspecto em uma sentença.

2.3. A noção de acionalidade

Squartini (1998) verificou que algumas perífrases das línguas românicas podem influenciar na acionalidade de um verbo principal, dependendo do aspecto apresentado. Levantamos a possibilidade de *chegar a+infinitivo* ser uma perífrase que pudesse fazer isso também.

Smith (1991, *apud* Squartini, 1998, p. 3) faz uma oposição entre aspecto, ao qual chama de “ponto de vista da situação” e acionalidade, chamada de “aspecto da situação” e que se refere a tipos situacionais¹³.

Retomando as noções de classes acionais de Vendler (1967), Squartini (1998) apresenta:

- atividades (Pedro correu no parque)
- *accomplishments* (Pedro construiu uma ponte)
- *achievements* (Pedro partiu)
- estados (Pedro é alto)

A classe das atividades e dos *accomplishments* denotam situações durativas. A diferença, no entanto, entre essas duas classes é que, enquanto os *accomplishments* apresentam um ponto de culminação, as atividades não. Por isso, o processo apresentado por um *accomplishment* tem fases diferentes até a culminação e os predicados que denotam atividades ocorrem de forma homogênea durante toda a situação. Essa é a razão pela qual predicados *accomplishments* (66a) aceitam advérbios do tipo *em três dias/ horas/ meses* etc., para medir o tempo que se leva para atingir o ponto final da situação, já as atividades (66b) não se prestam ao uso dessas expressões temporais. Estas, por sua vez, são compatíveis com advérbios do tipo *por três horas/ dias/ meses* etc. (66c). Squartini (1998) afirma também que, se uma sentença com

¹³ Traduções minhas. Squartini (1998, p. 4) chama de “situation types” ou “actional classes”.

accomplishment apresentar advérbios – como esses últimos referidos – e o ponto de culminação não for atingido, a frase será possível (66d).

- (66) a. Pedro construiu a ponte em três meses.
- b. #Pedro correu em três horas¹⁴.
- c. Pedro correu por três horas.
- d. Pedro construiu a ponte por três meses, mas parou por falta de dinheiro.

Desde Vendler (1967), notou-se que o complemento pode exercer um papel decisivo na mudança de uma classe acional de um mesmo verbo em uma determinada situação. Verbos originalmente de atividade (67a) podem, com o acréscimo de um sintagma apropriado (de medida ou de trajeto, por exemplo), passar a ser *accomplishments* (67b).

- (67) a. Pedro andou no parque.
- b. Pedro andou dez quilômetros.

Squartini (*op.cit.*, p. 7) afirma que os *achievements* são os únicos concebidos tradicionalmente como não-durativos – ao contrário de *accomplishments*, atividades e estados – e denotam situações que necessitam de um ponto de culminação preciso, admitindo ou não uma referência ao tempo que antecede esse ponto. Por exemplo, na frase (68), embora se possa dizer que para ganhar a corrida o piloto tenha tido que completar todas as voltas da prova, ele só confirma a vitória no momento em que a última volta é completada e a corrida chega ao fim. O ato de vencer ocorre em um momento preciso. Por essa razão, Vendler (1967) afirma que esses predicados se combinam com expressões pontuais, como *às três horas/ no dia 10/ em 2002 etc.*

- (68) O piloto venceu a prova.

¹⁴ Essa sentença é possível se considerarmos um trajeto que delimita o evento (por exemplo, *a maratona*) ou se pensarmos no tempo em que ele levou para começar a correr. Lembremos que a expressão adverbial deve denotar o tempo que se leva para atingir o ponto de culminação, o que não é o caso.

Finalmente, os estados, ao contrário dos *accomplishments* e as atividades, não são dinâmicos. Isso quer dizer que seu caráter estativo denota uma permanência durante um determinado período de tempo, ou seja, não podem ser descontínuas. Caracterizam-se, também, por não aceitar sujeitos agentes. O predicado *ser alto*, por exemplo, não aceita expressões do tipo *por/ em/ durante/ três meses*. Um estado temporário pode aceitar expressões como essas, mas se for possível dizer que ele não sofreu alterações e foi homogêneo durante o tempo em que existiu (69).

- (69) a. Pedro é alto.
b. #Pedro foi alto por/ em/ durante três meses.
c. Pedro estava feliz na noite de ontem.

Dadas as noções de aspecto e acionalidade, apresentaremos como é possível descrever as relações entre elas, já que uma das intenções desta pesquisa é justamente verificar a relação de *chegar* com as classes acionais.

2.3.1. A relação entre aspecto e acionalidade

Nas línguas românicas, afirma Squartini (1998), o perfectivo aceita sentença com predicados télicos (70a) e atélicos (70b) e o imperfectivo não é compatível com a expressão “*for x time*” (70c)¹⁵. Nas línguas eslavas, ao contrário, a telicidade faz distinção entre perfectivo e imperfectivo e a expressão “*for x time*”, em muitos casos, só é possível com uma forma verbal imperfectiva (71a).

- (70) a. Pedro resolveu o problema em uma hora.
b. Pedro conversou com Ivo por duas horas.
c. *Pedro conversava com Ivo por duas horas.
- (71) a. Včera on čital (*imperf*) knigu dva časa.
'Ontem, ele lia o livro por duas horas.'
b. *On pročital (*perf*) knigu dva časa.

¹⁵ A não ser que se faça uma leitura habitual ou iterativa.

‘Ele leu o livro por duas horas.’

Para Squartini (1998), isso mostra que as línguas têm relações diferentes entre aspecto e acionalidade. Para as românicas, situações télicas e atélicas são ambas compatíveis com o perfectivo; para as eslavas, somente situações télicas se combinam com perfectivo (72).

(72) *On pročítal (perf) knigu za dva časa.*

‘Ele leu o livro em duas horas.’

A posição assumida no trabalho de Squartini (1998) é de que há uma distinção semântica entre aspecto e acionalidade. Ele segue teóricos como Bache, Bertinetto e Smith. Bache (1995, *apud* Squartini, 1998) considera a acionalidade uma escolha do falante sobre *o que* ele diz na sentença e aspecto *a maneira* escolhida pelo falante para dizer essa sentença. A grande discussão nesse ponto gira em torno da suposta subjetividade que existe na escolha do aspecto e acionalidade. Para autores como Bertinetto e Smith (*apud* Squartini, 1998) o aspecto é uma noção naturalmente subjetiva, pois envolve a escolha do ponto de vista do falante de uma dada língua. Por isso, duas sentenças que têm a mesma tradução para o inglês, são diferentes do ponto de vista aspectual no italiano. (Squartini, *op.cit.*, p. 12):

(73) a. *Era (imperf) una bella giornata.*

‘It was a nice day.’

b. *È stata (perf) una bella giornata.*

‘It was a nice day.’

No entanto, Squartini (1998) diz que mesmo Smith aceita a idéia de que determinadas situações têm uma ligação tão estreita com o aspecto que não podem ser substituídas simplesmente de acordo com a escolha subjetiva do falante. É o que acontece com uma situação que apresenta progressividade (74a), que não pode ser simplesmente substituída por uma outra que apresente completude (74b). Não é porque

ambas denotam uma mesma ação de Júlio que podem ser trocadas uma pela outra, conforme a opção do falante.

- (74) a. Ontem, quando Paulo chegou, Júlio escrevia uma carta.
b. Ontem Júlio escreveu uma carta.

Smith (*apud* Squartini, 1998), entretanto, estende a noção de subjetividade para a acionalidade, o que torna a questão mais complexa. Dahl (1981, *apud* Squartini, *op.cit.*) observa que um mesmo evento pode ser mostrado como atélico (75a) ou télico (75b), dependendo da escolha do falante em apresentar ou não a telicidade.

- (75) a. Pedro está escrevendo.
b. Pedro está escrevendo uma carta.

2.3.1.1. Exemplos de análises feitas por Squartini

Em seu trabalho sobre as perífrases verbais das línguas românicas, Squartini (1998) mostra que a relação entre aspecto e acionalidade é, muitas vezes, responsável pela restrição (ou não) de determinadas sentenças em uma dada língua. Isso é importante porque, como veremos adiante, a perífrase encabeçada por *chegar* não pode ocorrer na mesma sentença com determinadas expressões típicas das classes acionais. Com o intuito de fazer uma demonstração do trabalho de Squartini (1998) apresento algumas análises do autor. A primeira é sobre a diferença entre *stare+a+infinitivo* e *stare+gerúndio*. A segunda, sobre o presente perfeito em português e a interação com expressões durativas e não-durativas.

2.3.1.1.1. *Stare+a+infinitivo* X *stare+gerúndio*, no italiano

Squartini (1998, p. 73) apresenta uma diferença entre o espanhol e o italiano no uso das perífrases *estar+gerúndio* e *stare+gerúndio*, perífrases referentes ao aspecto progressivo. Em italiano, *stare* não se combina com o aspecto *perfectivo* (76a), enquanto em espanhol, sim (76b).

- (76) a. *Ieri Giulio *stette parlando* con Marco per due ore.
 ‘Ontem Giulio *esteve falando* com Marco durante duas horas.’
 b. Ayer Pilar *estuvo hablando* con Jaime durante dos horas.
 ‘Ontem Pilar *esteve falando* com Jaime durante duas horas.’

No entanto, uma análise das duas perífrases na região da Toscana mostrou que é possível encontrar contextos em que o perfectivo seja aceito pela perífrase com infinitivo. As sentenças abaixo dão um panorama do que acontece com essas perífrases nessa região da Itália (*idem*, p. 130).

- (77) a. *Paolo *sta a arrivare*.
 ‘Paolo *está chegando*.’
 b. *Paolo *sta a cambiare casa*.
 ‘Paolo *está mudando de casa*.’
 c. In quel momento, Paolo *stava ancora a chiacchierare* con Luca.
 ‘Naquele momento, Paolo ainda *estava batendo papo* com Luca.’
 d. Paolo *è stato a parlare* con Luca per tutta la sera.
 ‘Paolo *esteve falando* com Luca durante toda a noite.’
 e. Paolo *sta sempre a parlare* con Luca.
 ‘Paolo *está sempre falando* com Luca.’
- (78) a. Paolo *sta arrivando*.
 ‘Paolo *está chegando*.’
 b. Paolo *sta cambiando casa*.
 ‘Paolo *está mudando de casa*.’
 c. In quel momento Paolo *stava ancora chiacchierando* con Luca.
 ‘Naquele momento, Paolo ainda *estava batendo papo* com Luca.’
 d. * Paolo *è stato parlando* con Luca per tutta la sera.
 ‘Paolo *esteve falando* com Luca durante toda a noite.’
 e. ?? Paolo *sta sempre parlando* con Luca.
 ‘Paolo *está sempre falando* com Luca.’

Embora pareça haver contextos em que ambas as perífrases sejam possíveis, em outros casos, elas se distribuem de modo diferente e, algumas vezes, há restrições para a ocorrência das perífrases. A perífrase com infinitivo, por exemplo, é agramatical se estiver seguida de um *achievement* (77a-b), mas é possível quando seguida por um verbo de atividade (77c), num contexto perfectivo (77d) ou ainda numa situação com “sempre” denotando duração ininterrupta (77e). Squartini (1998, p. 131) diz que, ao contrário do que acontece em outras construções com gerúndio para as línguas ibero-românicas, (78d-e) são inaceitáveis em italiano; contextos com *achievements* (78a-b) são aceitos apenas no gerúndio enquanto uma atividade (77c; 78c) é aceita com as duas perífrases.

2.3.1.1.2 *Presente perfeito em português*

A segunda análise que apresentamos é sobre o presente perfeito em português. Squartini (1998) aponta que a perífrase que expressa o presente perfeito em português (ter+particípio) expressa duração e iteração de uma situação, sem precisar de qualquer “palavra adicional”. Por isso, o uso do presente perfeito está restrito a situações durativas ou iterativas, que englobam um intervalo de tempo que começou no passado e chega ao momento de fala¹⁶.

(79) a. *Tenho estudado* muito desde que decidi fazer o exame.

b. **Tenho comido* aqui uma vez/ duas vezes.

O autor explica que (79a) é gramatical porque a situação abrange um período de tempo que se inicia no passado e chega até o momento de fala. Por outro lado, a sentença (79b) é agramatical porque se refere a um evento passado ou a um conjunto de eventos passados que não alcançam o momento de fala. Squartini (1998) afirma que esse comportamento do presente perfeito o faz muito diferente de formas perfeitas

¹⁶ O mesmo fato está registrado em Ilari (2000).

correspondentes em outras línguas românicas. Contextos não-durativos (80a) e eventos télicos (80b) são ambos rejeitados pela perífrase. Por sua vez, contextos iterativos são bem aceitos (80c).

- (80) a. *O João *tem chegado* agora.
b. *Ultimamente o João *tem lido* um romance de Eça de Queiroz.
c. Nos últimos dias o João *tem chegado* tarde.

Essa perífrase faz restrição ainda para situações que denotam uma experiência (81a), uma notícia de última hora (81b) ou uma informação do dia (81c).

- (81) a. *Já *tens estado* na Austrália?
b. **Tem chegado* o João!
c. *Hoje, *tenho chegado* às quatro da manhã.

A ocorrência do presente perfeito é bem aceita, por exemplo, com situações durativas em que se encontram expressões adverbiais do tipo *desde, até agora, nos últimos anos/ dias*.

- (82) a. Desde que começou esta história, eu *tenho feito* grandes esforços para não querer compreender.
b. Não imaginas as lágrimas que *tenho chorado* de ontem até agora.
c. Nos últimos anos, *tem-se assistido* a uma série de tentativas à maneira do “novo romance”.

A perífrase em questão pode indicar também o resultado de uma situação passada.

- (83) a. É certo, Marquesa. Como nós *temos envelhecido*!
b. A mãe *tem* tudo *preparado* para irmos viver no andar de cima

Para Squartini (1998), o presente perfeito em português, que ocorre basicamente com situações durativas incluindo o momento de fala, apresenta restrições acionais, já que só pode ocorrer em situações durativas atélicas, ou seja, com a perífrase *ter+particípio*, os aspectos durativo e iterativo são incompatíveis com situação télica.

Partindo da base teórica e dos exemplos de Squartini (1998), propomos discutir em 2.4 uma descrição específica da relação de *chegar* com as classes acionais.

2.4. A relação entre aspecto e acionalidade com *chegar*

A análise de Squartini (1998) para *stare*, no italiano, demonstrou que esse verbo sofre restrições quando: a) seguido de a+*achievements* (84a); seguido de gerúndio em situações em que foi usado o perfectivo (84b); seguido de gerúndio e com a expressão *sempre* indicando duração ininterrupta (84c). Assim, Squartini (1998) chegou à conclusão de que *stare+a* é usado em situações que indicam continuidade e *stare+gerúndio* em situações que indicam progressividade.

- (84) a. *Paolo **sta a arrivare**.
b. *Paolo **è stato parlando** con Luca per tutta la sera.
c. ?? Paolo **sta sempre parlando** con Luca.

Um outro ponto é sobre a análise feita para o presente perfeito em português. A perífrase *ter+particípio* que indica essa forma não aceita algumas expressões como *ultimamente*, por exemplo, fora de contextos iterativos (85a).

- (85) a. #Ultimamente João **tem lido** um romance de Jorge Amado.
b. Ultimamente João **tem lido** um romance de Jorge Amado por semana.

Como veremos, *chegar* não exerce influência na acionalidade do verbo no infinitivo. Notamos, no entanto, que pelo fato de ser um operador de escalaridade – noção a ser discutida no terceiro capítulo –, *chegar* delimita o ponto atingido pelo sujeito, caso típico de verbos télicos. Em outras palavras, *chegar* atribui à sentença uma idéia de atingimento de um ponto, não importando a natureza acional desse ponto.

Antes de analisar a interação do *chegar* auxiliar com as classes acionais, apresentamos a interação do correspondente pleno. Nesse caso, *chegar* é um

achievement, com traço [- durativo], o que pode gerar restrições em determinados contextos.

- (86) a. A encomenda chegou *às duas horas*.
- b. A encomenda chegou *em duas horas*.
- c. *A encomenda chegou *durante duas horas*.
- d. # A encomenda chegou *até as duas horas*.

Em (86a), a expressão em itálico é utilizada para indicar a pontualidade dos verbos *achievements*, por isso é bem aceita por *chegar*. A sentença (86b) possui uma expressão típica de *accomplishments*, mas o seu sentido não: ao lado de um verbo *achievement*, como *chegar*, essa expressão mostra que o sujeito levou um certo tempo até chegar, portanto, refere-se ao tempo anterior ao evento de *chegar*. É diferente de dizer: *Maria fez a prova em duas horas*. Nesse caso, percebemos que desde o início até o final da prova o tempo gasto foi 2 horas. Essa interpretação – de que do início ao final da chegada foram gastos duas horas – não é possível em (86b). Em (86c), a expressão em destaque é típica de atividades e não é aceita por *chegar*. Por fim, (86d) é ruim porque tem o sentido de que a chegada começou num determinado momento anterior às duas horas (ao meio-dia, por exemplo) e se estendeu por duas horas. Essas restrições não acontecem com *chegar* auxiliar.

- (87) a. João **chegou** a telefonar *às duas horas*.
- b. João **chegou** a consertar três carros *em duas horas*.
- c. João **chegou** a dormir *durante duas horas*.
- d. João **chegou** a trabalhar *até as duas horas*.

As sentenças em (87) demonstram que o auxiliar *chegar* pode ficar ao lado das verbos representativos de todas as classes acionais, sem restrições. Mas resta ainda verificar se esse verbo se comporta bem ao lado de expressões comuns a essas classes. A seguir, apresentamos exemplos de ocorrência do auxiliar *chegar*, em sentenças das línguas falada e escrita.

Em sentenças com verbos *accomplishments*, *chegar* comportou-se naturalmente e não fez restrições. O verbo da sentença (88), um *accomplishment*, possui como medida do evento *os pés da ponte*.

(88) [O prefeito anterior] **chegou** fazer os pés da ponte no meio do rio da avenida, e a marinha interditou. (Varsul/ Florianópolis)

Na sentença (89), o verbo que segue o auxiliar *chegar* denota uma atividade e novamente *chegar* não fez qualquer restrição.

(89) [Luis Fernando Verissimo] trabalhava no departamento de arte da Editora Globo, de Porto Alegre, quando virou copidesque e, depois, redator no Zero Hora. **Chegou** a escrever até coluna de horóscopo. Um dia, herdou uma coluna de crônicas. (RLP, n. 2, p. 13)

Ao lado de *achievements*, como *iniciar* em (90) o auxiliar *chegar* foi empregado naturalmente.

(90) O prefeito anterior **chegou** a iniciar uma ponte de concreto armado aí. (Varsul/ Florianópolis)

Também ao lado de verbos estativos, *chegar* comportou-se gramaticalmente bem.

(91) O Banco do Brasil **chegou** a ter R\$ 50 milhões no Banco Santos, que sofreu intervenção na sexta-feira. Foi tirando o dinheiro, tirando, tirando – até que sobraram 700 mil euros em papéis da dívida brasileira, ou cerca de R\$ 3 milhões. (FSP, 18 nov. 2004, E2)

A conclusão até aqui é a de que *chegar* não faz restrição quanto à classe acional do verbo no infinitivo e dos sintagmas que acompanham esse infinitivo. Entretanto, observando as sentenças em (92), podemos notar que *chegar* atribui aos sintagmas que o seguem o papel de “ponto atingido”. Assim, a idéia de atingimento de um ponto,

comum no correspondente pleno – que é um *achievement* –, parece permanecer no verbo *chegar* quando utilizado como auxiliar.

- (92) a. Paula **chegou** a nadar.
b. Paula **chegou** a comer uma maçã.
c. Paula **chegou** a vencer a corrida.
d. Paula **chegou** a ser professora.

Observamos em (92a) a co-ocorrência de *chegar* e uma atividade; em (92b), um *accomplishment*; em (92c) um *achievement* e, em (92d), um estado. Em todos os casos, não há restrições pelo *chegar*.

A segunda análise a que nos propomos é verificar a interação de *chegar* com expressões específicas, como Squartini (1998) fez para *ter+participio*.

Uma observação dos dados mostrou que a perífrase com *chegar* é bastante comum: i) em contextos sem expressões que delimitam tempo (93); ii) em contextos com expressões pontuais (94).

- (93) a. Com ortografia ou acentuação, as mudanças não ocorrem da noite pro dia (...) são muitas vezes lentas, demoradas, já **chegaram** a ser seculares. (RLP, n.6, p. 52)

b. Aí não passou da teoria, né? A gente **chegou** a estudar texto, a fazer exercícios e tal, né? (Varsul / Porto Alegre)

- (94) a. A erudição, porém, não apagou o interesse pelo universo rural da infância. Com a minúcia de um pesquisador, coletou histórias, expressões, lendas, crenças religiosas e até receitas de pratos típicos da região. *Em 1952* o prestigiado diplomata [Guimarães Rosa] **chegou** a encarar até uma viagem de 240 quilômetros a cavalo, através do sertão mineiro, acompanhando uma tropa de boiadeiros. (RGH, n. 4, p. 33)

b. Nós **chegamos** a ter aqui em *mil novecentos e cinqüenta e pouco*, por aí, é avião, depois é daqui a Porto Alegre, por incrível que pareça tinha avião, naquela época. (Varsul/ Pato Branco)

São expressões pontuais *em 1952*, na sentença (94a), e *mil novecentos e cinqüenta e pouco*, em (92b).

Também foram encontrados exemplos em que *chegar* auxiliar está na mesma frase de uma expressão temporal iniciada com **quando**, que, de certo modo, também é pontual (95).

- (95) Quando capturados pelas forças coloniais e imperiais, [os escravos] **chegavam** a receber uma punição de até 300 chibatadas, ou seja, eram praticamente condenados à morte. (RGH, n.4, p. 12)

Expressões como *na pescaria* (96a) e *na Copa São Paulo Jr.* (96b) demonstram ao mesmo tempo um momento específico e uma duração – seria possível substituir *na* por *durante a* e *no* por *durante o*.

- (96) a. **Chegamos** a pegar quinhentos lambaris *na pescaria* ali na queda da água, sabe? Queda de água dá, dá bastante lambari. (Varsul/ Irati)
b. Weverson **chegou** a ser goleiro do São Paulo *na Copa São Paulo Jr.* (GP, 12 ago. 2006, esportes, p.3)

A duração no sentido de iteratividade está presente morfológicamente – quando *chegar* está no pretérito imperfeito (97) – ou sintaticamente, com a presença de expressões que informam sobre a repetição (98).

- (97) Quer dizer, quando eu **chegava** a terminar de fazer tudo, já estava na hora de dormir. (Varsul/ Florianópolis)
(98) A gente conversa com um jovem e vê que o falar é interrompido a todo o momento. *Muitas vezes* ele não **chega** a completar a frase. (JB, 28 dez. 1996).

Neste segundo capítulo, vimos mais detalhadamente a questão aspectual do verbo *chegar* e pudemos concluir que ele não acrescenta à sentença qualquer marca de aspectualidade, além de não sofrer restrições quando co-ocorre com diferentes aspectos e classes acionais. Desta forma, eliminamos também a possibilidade de inseri-lo na lista

dos auxiliares aspectuais como o fazem Almeida (1980), Torrego (1988), Neves (2000) e Houaiss (2001). Resta-nos então, no terceiro capítulo, oferecer uma proposta de análise a esse verbo, o que acreditamos ser uma visão completamente diferente do que se encontra não só para *chegar*, mas para a classe dos verbos auxiliares. Se não podemos inseri-lo na lista tradicional de auxiliar de voz, tempo, modo ou aspecto, dizer que *chegar* está numa outra classe de auxiliares é uma tese ousada, mas acreditamos ter argumentos suficientes para sustentá-la.

Capítulo 3

3. CHEGAR E ESCALARIDADE

Como vimos nos capítulos precedentes, não é possível assegurar que *chegar* seguido de infinitivo possa marcar tempo, modo ou aspecto na sentença. O que ele faz, sim, como ocorre com os auxiliares, é carregar marcas desse tipo.

No entanto, no desenvolvimento dessa pesquisa, surgiu a hipótese de que a função de *chegar* quando precede infinitivo fosse indicar um dos pólos (pragmaticamente proeminente) em uma escala. De fato, numa sentença como (99) é comum o ouvinte entender que João passou por algumas etapas até alcançar o cargo de diretor, o que é a percepção de uma idéia de escalaridade. Para o falante, João atingiu o ponto mais alto numa escala pragmática. Aparentemente, o que o falante anuncia é que João atingiu um dos pontos (cargos) mais difíceis de serem alcançados na empresa.

(99) João **chegou a ser** diretor da empresa.

Alguns estudos sobre o assunto, sobretudo os de Fauconnier (1975), Ducrot (1981), Levinson (1987) e Francescotti (1995) possibilitaram-nos fazer uma análise mais eficaz para *chegar*, partindo da hipótese de que seria um operador de escala. É preciso, ainda, ressaltar que a análise para *chegar* é fruto de comparação com análises propostas para outros termos, como *even*, do inglês. Isso ocorreu porque não

encontramos qualquer estudo que considerasse *chegar*, ou qualquer outro verbo, como um operador de escalaridade¹⁷.

3.1. As implicaturas de Grice

Consideremos as sentenças a seguir.

(100) a. Pedro comeu 10 laranjas.

b. Pedro chegou a comer 10 laranjas.

Parece claro haver entre elas uma diferença, se não no nível das condições de verdade, pelo menos no que diz respeito ao uso pelo falante. Dessa forma, o que questionamos é: em que diferem essas sentenças? Qual o papel de chegar em (100b)? A teoria de Grice sobre implicatura, demonstrada em Levinson (1987), pode ajudar a encontrar algumas respostas.

Levinson (1987, p. 101) esclarece que, para Grice, as conversas são mediadas por “máximas de conversação”, responsáveis por organizar os diálogos entre as pessoas e ajudar na formação daquilo que Grice chama de “princípio de cooperação”. Para que se garanta tal princípio, Grice defende que o falante faz uso das **implicaturas** conversacionais e convencionais.

3.1.1. As implicaturas conversacionais

Na implicatura conversacional, o termo *implicatura* não é usado no mesmo sentido de “termos como *implicatura lógica*, *acarretamento* e *conseqüência lógica*” (Grice, *apud* Levinson, 1987, p. 103), porque as implicaturas não são inferências semânticas. Vejamos, em linhas gerais, as máximas de Grice¹⁸.

¹⁷ Descrevemos o comportamento do *even* no item 3.6..

¹⁸ Maiores detalhes em Levinson (1987, pp. 101-113).

3.1.1.1. Máxima da Qualidade

- Contribua com algo verdadeiro, especificamente:
 - (i) não diga algo que acredita ser falso
 - (ii) não diga algo sobre o qual lhe falta uma evidência clara

Observemos as sentenças:

(101) a. João tem dois doutorados.

b. ?? João tem dois doutorados, mas eu não acredito nisso.

A sentença (101a) cumpre com a Máxima da Qualidade, pois o falante não coloca em dúvida a afirmação feita. Por outro lado, (101b) soa estranha literalmente porque o falante não acredita numa informação que ele mesmo está dando e não cumpre a primeira Máxima. Mas, conversacionalmente pode ter um sentido, afinal, se um falante usa uma sentença assim e outro entende, é porque o princípio de cooperação aconteceu.

3.1.1.2. Máxima da Quantidade

- (i) faça com que sua contribuição informe tanto quanto lhe foi pedido
- (ii) não dê mais informações do que lhe foi pedido

Nesta máxima, o locutor se vê na condição de dizer o essencial. Assim, em

(102) A: Paulo, você tem 10 reais?

B: Tenho.

o ouvinte pode entender que Paulo tem *apenas* 10 reais, o que é legítimo pela resposta dele. Mas pode ser também que Paulo tenha 50 reais. Levinson (1987) comenta que embora isso possa ocorrer, essa máxima de Grice prevê que a resposta seja limitada, como se a própria pergunta fosse *Paulo, você tem apenas 10 reais?* De fato, se a resposta de Paulo em (102B) fosse *Tenho 20* talvez não servisse para o falante em A. Imaginemos uma situação em que o falante A tem 20 reais, mas precisa de uma nota de 10 porque a moça do caixa não tem troco para 20. Então ele faz a pergunta (102A) para o Paulo. Se a resposta dada for *Tenho 20* o falante em A pode até retrucar: *Vinte eu*

também tenho. Perguntei se você tem 10, porque a moça não tem troco. Daí a necessidade de cumprir os sub-itens da Máxima da Quantidade.

3.1.1.3. Máxima da Relevância

- Faça com que sua contribuição seja relevante

Levinson (1987, p. 107) afirma que essa Máxima é responsável por produzir muitas implicaturas. Em (103), por exemplo, o imperativo dito no presente requer uma ação também no presente.

(103) Me passe o sal.

Um outro caso de relevância é o que observamos em (104):

(104) A: Sabe se o ônibus demora?

B: Acabou de sair um.

Para Levinson (*ibidem*), só é possível admitir e entender a fala de B se ela tiver relevância no contexto e ligar-se, de alguma maneira, à pergunta feita por A. Neste caso, a resposta aparentemente é afirmativa, ou seja, indica que o ônibus vai demorar, já que um outro saiu há pouco¹⁹.

3.1.1.4. Máxima do Modo

- Seja perspicaz e especificamente:
 - (i) seja claro
 - (ii) evite ambigüidades
 - (iii) seja sucinto
 - (iv) seja organizado

Entre os destaques dados por Levinson (1987) estão os sub-itens (iii) e (iv). Para ele, o (iii) responde por um fator de economia. Por isso, tendemos a usar mais (105a) do que (105b).

(105) a. Abra a porta, por favor.

¹⁹ Observe o leitor que, como o próprio Grice considerou, a implicatura NÃO É SEMÂNTICA (LÓGICA), mas conversacional. Afinal, pode surgir um outro ônibus logo após a resposta de B.

b. Por favor, caminhe até a porta, vire a maçaneta no sentido horário até o fim e puxe a porta para o seu lado.

O autor acredita que o sub-item (iv) é um dos mais importantes, porque trata da organização, da ordem que o falante dá à sua fala. Ele diz ainda que o ouvinte cria uma certa expectativa dessa ordem e que uma alteração pode causar estranheza.

(106) a. ?? O menino chegou à margem, mergulhou, pulou no rio e tirou a roupa.

b. O menino chegou à margem, tirou a roupa, pulou no rio e mergulhou.

Embora possa haver um contexto em que (106a) seja possível, não esperamos que a ordem seja de fato a dada nessa sentença, mas sim aquela apresentada em (106b).

3.1.2. As implicaturas convencionais

Levinson (1987, p.127) explica que as implicaturas conversacionais derivam das máximas de conversação e que, para Grice, há também as implicaturas convencionais, assim definidas:

Conventional implicatures are non-truth-conditional inferences that are not derived from superordinate pragmatic principles like the maxims, but are simply attached by convention to particular lexical items or expression (*ibidem*).

É possível separar as implicaturas conversacionais das convencionais verificando a ocorrência ou não de algumas propriedades. Por exemplo: as conversacionais são canceláveis, adicionando-se algo à sentença.

(107) A: Onde está o Pedro?

B: Estou vendo um carro branco em frente à casa da Suzy.

A: O Pedro vendeu o carro branco.

Em (107), a segunda fala de A cancela o que poderíamos inferir da fala de B: se o carro branco em frente à casa de Suzy era praticamente uma certeza de que Pedro estaria lá, isso foi anulado pela segunda fala de A.

Um aspecto que confirma essa propriedade é a indução, pois as implicaturas conversacionais não são dedutivas, mas indutivas.

A cancelabilidade das conversacionais não é encontrada nas convencionais. Isto porque esta implicatura é semântica e não pragmática, como aquela, gerada pelo contexto.

(108) A: Pedro foi à festa. Tomou whisky e cerveja.

B: Mas não tinha whisky na festa.

A: Então era conhaque.

Na primeira fala de A, a conjunção *e* informa que Pedro não tomou apenas um tipo de bebida. O que (108B) faz é negar o **tipo** de bebida, mas não que Pedro tenha tomado **mais de um**. A implicatura convencional dada por *e* não é alterada nem pela negação (108B) nem pela mudança do tipo de bebida, com a segunda fala de A.

Uma outra propriedade que pode ajudar a diferenciar as implicaturas de Grice é a remoção²⁰. As conversacionais não são removíveis, porque dependem do contexto. Dessa forma, elas não podem ser simplesmente retiradas ou substituídas por uma expressão sinônima, porque isso nem sempre garante que tenhamos a mesma implicatura. Por exemplo, (109b) é uma implicatura de (109a), mas não de (109c).

(109) a. João não conseguiu atingir o topo da montanha.

b. João tentou atingir o topo da montanha.

c. João não atingiu o topo da montanha.

Observamos que, se João não conseguiu atingir o topo da montanha, implica dizer que ele tentou atingi-lo; no entanto, se ele não atingiu o topo, não implica ele ter pelo menos tentado. Por isso, a retirada do verbo *tentar* de (109b) em (109c) não garante que (109c) seja uma implicatura de (109a), como acontece com (109b).

²⁰ Originalmente, *detachable*.

As implicaturas convencionais, por outro lado, são removíveis – podem ser substituídas ou excluídas – porque são dadas pelas expressões. Chierchia (2003, p. 248) afirma que essa propriedade das implicaturas convencionais pode ser encontrada, por exemplo, na substituição do *mas* pelo *e* em alguns casos, como em (110).

(110) a. Hugo foi à festa mas não se divertiu.

b. Hugo foi à festa e não se divertiu.

Chierchia (*ibidem*) argumenta que (110a) “é verdadeira nas mesmas condições” de (110b). Ao *mas* cabe a função de indicar um contraste entre dois elementos da sentença, no caso, *ir à festa* versus *não se divertir*. Essa função contrastiva é dada convencionalmente pelo *mas*, ou, “é gramaticalmente determinada”. O autor afirma ainda que essa função continua, mesmo se a sentença for negada ou transformada em uma pergunta.

(111) a. Não é verdade que Hugo foi à festa mas não se divertiu.

b. É verdade que Hugo foi à festa mas não se divertiu?

Chierchia (2003, p. 249) concluirá alegando que isso pode sugerir que as implicaturas convencionais sejam, na verdade, fenômenos pressuposicionais.

A apresentação das implicaturas neste trabalho foi feita a fim de discutir uma hipótese levantada em algumas discussões prévias a este trabalho final: seria o verbo *chegar* um elemento lexical que desencadeia uma implicatura convencional na sentença? Ou atribuiria, no contexto, uma implicatura conversacional, já que, aparentemente, está ligado às Máximas da Quantidade e do Modo? A seguir, apresentaremos uma análise a fim de esclarecer que tipo de implicatura podemos derivar do auxiliar *chegar*.

3.2. *Chegar*: uma implicatura convencional

No item anterior, deixamos claras as diferenças entre as implicaturas convencional e conversacional. No entanto, essa diferença não teria importância para o nosso trabalho, se não fosse para verificar as condições dadas pelo auxiliar *chegar* em uma sentença e sua contribuição para o desencadeamento de implicaturas.

Uma primeira questão a ser analisada, portanto, é se o auxiliar *chegar* estabelece uma implicatura convencional ou conversacional. Para verificar isso, observemos a sentença a seguir.

(112) A: O João **chegou** a ter 1.000 cabeças de gado.

B: Ele teve só 500.

Como já demonstrado no item anterior, Grice (*apud* Levinson, 1987) considera que entre as implicaturas convencionais e conversacionais há uma diferença de propriedades. A primeira diferença é em relação à cancelabilidade. O autor diz que as implicaturas conversacionais são canceláveis adicionando-se algo à sentença – como faz a fala B em relação à fala A em (112) – e que as convencionais não, porque não dependem do contexto.

Em (112A), se o papel de *chegar* é indicar um ponto, pressupondo a existência de uma escala, a sentença (112B) não cancela essa função. O que acontece é que (112B) nega a quantidade de cabeças de gado que João teve. O ponto de uma escala (1.000) é negado, mas não a escala.

Outra propriedade diferente para as implicaturas é a remoção. Por dependerem do contexto, as conversacionais não são removíveis, sob pena de haver alteração na implicatura, o que não acontece com as convencionais.

(113) a. O João **chegou** a vender o carro.

- b. O João tinha um carro.
- c. O João vendeu o carro.
- d. O João não chegou a vender o carro.
- e. O João chegou a vender o carro?

A sentença (113b) é uma implicatura convencional tanto de (113a) quanto de (113c-e). A remoção de *chegar* (113c) não alterou a implicatura, o que corrobora o estabelecimento de uma implicatura convencional a partir de *chegar*. Além disso, propusemos os testes da negação e da interrogação, como Chierchia (2003) propõe e mostramos no item anterior.

A apresentação das implicaturas foi importante para estabelecer uma relação com as escalas. Perceberemos nas análises que parece haver uma implicatura quando tratamos de termos escalares.

3.3. Escalas pragmáticas

Em *Pragmatic Scales and Logical Structure*, Fauconnier (1975) apresenta algumas noções sobre o uso de superlativos. Para o autor, em casos como (114), o superlativo tem um comportamento “muito semelhante ao quantificador universal” (Fauconnier, 1975, p.353).

(114) Tom não comerá a comida *mais gostosa*.

O autor considera que a sentença pode ser entendida literalmente como “Tom comerá todo tipo de comida, menos a mais gostosa”. No entanto, a interpretação mais natural é a de que “Tom não quer comer nenhum tipo de comida, inclusive a mais gostosa”. Fauconnier (1975) pretende assim mostrar que os superlativos podem comportar-se como quantificadores, assim como o *any*, em inglês. A seguir, outros exemplos do autor.

(115) *The faintest* noise bothers my uncle.

‘O menor/ mais baixo ruído incomoda meu tio’.

(116) He did not hear *the faintest* noise.

‘Ele não ouviu o menor/ mais baixo ruído.’

Fauconnier (1975, p. 355) entende que, enquanto em (115) o superlativo funciona como um quantificador universal, em (116) ele é utilizado como um existencial negado. Nesses casos, o superlativo estaria no lugar de *any* e teria as mesmas propriedades deste quantificador.

(117) *Any* noise bothers my uncle.

‘Qualquer ruído incomoda meu tio’.

(118) He did not hear *any* noise.

‘Ele não ouviu qualquer ruído’.

Fauconnier (*op. cit.*, p. 361) assume então que os superlativos expressam pontos mais altos ou mais baixos em uma *escala pragmática*. Por exemplo, para uma dimensão dada (ruído), haveria dois extremos (o mais alto – o mais baixo) e um elemento Y (meu tio/ ele) participando do predicado (incomodar). Além disso, entre os extremos, haveria pontos (x_1, x_2, x_3).

Escala S

	ponto mais alto
	x_1
	x_2
	x_3
	ponto mais baixo

O autor explica:

Such propositional schemata have the general form $R(x, \dots)$. (The dots stand for possible additional free variables, such as y in x bothers y .) If x_2 is lower than x_1 on the scale S associated with $R(x, \dots)$, then $R(x_2, \dots)$ implies $R(x_1, \dots)$; thus, in particular if R holds for the lowest element on S , it holds

for all elements of S (call this the scale principle). (*Idem*, p. 362).

Fauconnier (1975) argumenta que o ponto mais baixo acarreta os demais. Assim, ao afirmarmos, em (115), que *meu tio* (elemento y na fórmula x *incomoda* y) se incomoda com o ruído (elemento x na mesma fórmula) mais baixo, nossa fala acarreta dizer que ele se incomoda com todos os outros ruídos que forem mais altos na escala S , a saber x_3 , que é um pouco mais alto, x_2 , que é mais alto ainda, com o x_1 , mais alto que os anteriores, até chegar ao ponto final e mais alto da escala.

As diferentes tonalidades de sombreamento que colocamos na escala servem para ajudar a perceber o que Fauconnier (1975) diz a respeito dos elementos que compõem a escala: o elemento com tonalidade mais forte acarreta o outro com tonalidade mais fraca e a orientação da escala não é reversível.

O trabalho do autor tem uma relação com a questão da informatividade. O elemento mais baixo na escala (que é o mais forte) informa mais que o elemento imediatamente acima dele e assim sucessivamente, sendo que o mais alto é o menos informativo. Tomando por base essa análise, observemos a sentença (119).

(119) Cinco anos antes do previsto, foi anunciado o término do seqüenciamento do genoma humano. A corrida atrás da identificação de todos os genes do *Homo sapiens* envolve laboratórios de 18 países, liderados por instituições dos Estados Unidos e do Reino Unido, e consumiu estimados US\$ 3 bilhões, sem contar a injeção final de recursos, necessária para apressar o fim dessa primeira etapa e fazer frente a grupos privados que ameaçavam terminar antes a “façanha do século”. Trata-se, sem dúvida, de uma primeira etapa, porque o Projeto Genoma Humano representa, na verdade, apenas uma enorme base de dados, que os cientistas precisam entender em detalhe para um dia **chegar** a manipulá-los. Para os geneticistas, há trabalho para mais de um século de pesquisa. (CH, n. 28, p. 22-3.)

Nesse caso, o próprio contexto apresenta a escala. A etapa mais importante, de acordo com o contexto, é a *manipulação dos dados apresentados nos genes*. A segunda

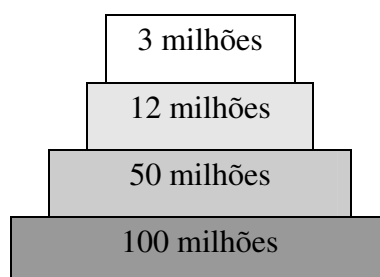
etapa é *entender essa base de dados* e a primeira, que foi alcançada pelos cientistas, é o *seqüenciamento do genoma* (que é a base de dados). Na escala, ficaria assim:

1. ^a	seqüenciamento dos dados
2. ^a	entendimento dos dados
3. ^a	manipulação dos dados

O que os cientistas conseguiram foi alcançar a primeira etapa e, como vemos na escala, ela não acarreta a conquista das outras etapas. Quando chegar a última etapa, então será possível dizer que a presença das anteriores também é obrigatória. Nesse caso, o ponto mais informativo da escala é o sintagma posterior a *chegar* (**chegar** a manipulá-los – ponto mais baixo na escala de Fauconnier), o que nos autoriza dizer que *chegar* indica o ponto considerado pelo falante como o mais informativo naquele momento. Outro exemplo:

(120) O Banco do Brasil **chegou** a ter R\$ 50 milhões no Banco Santos, que sofreu intervenção na sexta-feira. Foi tirando o dinheiro, tirando, tirando – até que sobraram 700 mil euros em papéis da dívida brasileira, ou cerca de R\$ 3 milhões. (FSP, 18 nov. 2004, E2)

Esse exemplo é típico de escala. *Chegar* está marcando um ponto que, pelo contexto, pode ser considerado alto na escala de possuir dinheiro depositado em algum lugar. Isso fica bastante perceptível porque, no final da sentença, o valor (3 milhões) está bastante reduzido em relação à soma inicial. Na escala:



Propositadamente, inserimos outros valores na escala para demonstrar que *chegar* mostra um ponto considerável no contexto, mas não necessariamente o mais alto

na escala de possuir dinheiro em algum banco. A escala apresentada poderia ter uma série de outros pontos com valores maiores ou menores que os apresentados. No entanto, nesse contexto, fica evidente que a sentença quer passar uma idéia de bastante dinheiro (50 milhões) e que o fato de o Banco Santos ter sofrido intervenção (e na seqüência, ter falido) poderia ter dado um prejuízo muito maior ao Banco do Brasil.

Afirmar que *chegar* atribui uma idéia de maior informatividade nessa sentença é igualmente equivocada. Tal informatividade acontece por causa dos números, que por si mesmos são informativos. Aqui, parece-nos fundamental destacar que o verbo *chegar* não escolhe apenas o verbo no infinitivo para marcar a escala, mas sim o verbo (ter), seu complemento (R\$ 50 milhões) e adjunto (no Banco Santos). O trecho a seguir também é um bom exemplo sobre a informatividade dada pelos números. Mais uma vez, acreditamos que o ponto da escala é marcado pelo complemento do verbo principal e não pelo auxiliar *chegar*.

(121) José Alvino Godoi, conhecido como Zé do Cabelo, foi um dos primeiros a investir no ramo [de compra de cabelos] e é considerado pelos colegas uma referência – **chega** a comprar cem peças por mês. (...) Zé do Cabelo conta que **chegou** a pagar R\$ 1 mil por 70 centímetros de um cabelo loiro, liso e “virgem”. (GP, 28 maio 2006, p. 10)

Nos dois casos destacados, o que é mais importante para a configuração da escala não são os fatos de comprar ou pagar, mas os fatos de comprar cem peças por mês e pagar R\$ 1 mil por 70 cm de um cabelo loiro, liso e virgem. Como já afirmamos, todo o sintagma (verbo principal, complementos e adjuntos) posterior ao verbo auxiliar é responsável por marcar o ponto na escala. Por esse exemplo, é possível afastar a idéia de que é *chegar* que dá mais ou menos informatividade em uma sentença. O que ele faz é indicar um ponto em uma escala. Os pontos, as informações são dados por outros itens.

3.4. Escalas argumentativas

Um outro autor que trata sobre escalas é Ducrot. Em *Provar e dizer*, ele mostra que

o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção. (Ducrot, 1981, p. 178)

Ducrot (1981) diz, por exemplo, que o *mas* não indica apenas uma oposição entre duas proposições, mas uma oposição entre duas conclusões. Em outras palavras, se temos *A mas B*, podemos dizer que, enquanto *A* é um argumento que nos leva a uma conclusão *r*, *B* é um contra-argumento que nos leva a uma conclusão *não-r*.

Para desenvolver sua teoria, o autor estabelece o conceito de *classe argumentativa*, que seria composta de argumentos (*p* e *p'*, por exemplo) favoráveis a um enunciado *r*. Eis um exemplo de Ducrot (1981, p.180)

Suponhamos, por exemplo, que a vinda de Pedro e a de Paulo me parecem, tanto uma, quanto outra, autorizar a conclusão *A reunião foi um sucesso*. Nesse caso, dir-se-á que para mim, os enunciados *Pedro veio* e *Paulo veio* pertencem à classe argumentativa determinada por *A reunião foi um sucesso*.

Dessa forma, “a noção de *classe argumentativa* é totalmente relativa a uma conclusão particular e a um locutor determinado” (*ibidem*). Como tal relatividade pode prejudicar a teoria, Ducrot (*ibidem*) destaca que procurará desenvolver “afirmações absolutas, válidas para todo locutor e para toda conclusão”.

O autor observa também que o fato de se considerar itens de um enunciado como argumentos favoráveis a uma determinada conclusão não quer dizer que eles tenham que, necessariamente, ser provas para ela. Assim, o argumento pode autorizar a

conclusão, mas não pode torná-la obrigatória²¹. Além disso, os argumentos podem ser dispostos como mais fracos e mais fortes para se chegar a uma determinada conclusão. Então, se p' é um argumento mais forte que p para um conclusão r , temos aí a chamada *escala argumentativa*, representada por Ducrot (1981, p. 181) como segue. Se compararmos a escala de Fauconnier (1975) e de Ducrot (1981), veremos que este coloca o elemento mais forte (mais argumentativo) na parte superior da escala, inversamente ao que faz Fauconnier.

r	A reunião foi um sucesso.
	p' Paulo veio.
	p Pedro veio.

Considere-se, por exemplo, a sentença (122).

(122) Pedro e *mesmo* Paulo vieram à reunião.

Ducrot (1981) mostra que nessa sentença, supondo que a conclusão fosse *A reunião foi um sucesso*, Paulo, que teria menos motivos que Pedro para vir à reunião, estava lá. Por isso, *Pedro veio*, na escala argumentativa seria p ; *Paulo veio* seria p' , um argumento mais forte para a conclusão r : *A reunião foi um sucesso*. O peso argumentativo é dado pelo termo *mesmo* e pelo seu escopo.

Como podemos perceber, a análise de Ducrot (1981) não se afasta muito da de Fauconnier (1975). O que chama a atenção, na verdade, é que, enquanto este trata da questão da informatividade aquele se prende à questão da argumentação. Para Ducrot (1981), uma dada expressão pode ter uma força argumentativa capaz de levar o ouvinte a aceitar determinada tese.

²¹ Observe o leitor que é uma fala muito próxima da noção de implicatura de Grice: não é lógica – não é prova –; mas é uma inferência – autoriza uma conclusão.

Acreditamos que, nesse caso, a tendência do auxiliar *chegar* é levar o ouvinte a assumir determinada tese (implícita ou explícita) no contexto. Um exemplo:

(123) Uma receita nunca é apenas a maneira de preparar um prato. É também a expressão de uma cultura. No caso dos países de idioma português, **chega** a sinalizar uma identidade intercontinental. (RLP, n. 2, p. 29)

Nessa sentença, a conclusão (a tese do locutor) está na frase inicial: *Uma receita nunca é apenas a maneira de preparar um prato*. Depois, aparece um argumento para essa tese: *é também a expressão de uma cultura*. Por fim, um outro argumento, mais forte: *nos países de idioma português, chega a sinalizar uma identidade intercontinental*. Na escala de Ducrot:

r	Uma receita nunca é apenas a maneira de preparar um prato.
	p' Nos países de idioma português, chega a sinalizar uma identidade intercontinental.
	p É também a expressão de uma cultura.

Esse é um bom exemplo para a idéia de que *chegar* funcionaria como um operador de escalaridade, selecionando um evento e marcando-o num determinado ponto da escala argumentativa. Notemos que, para a tese em *r*, o fato de uma receita sinalizar uma identidade intercontinental é um argumento mais forte do que o fato de ela ser a expressão de uma cultura.

(124) Quando capturados pelas forças coloniais e imperiais, [os escravos] **chegavam** a receber uma punição de até 300 chibatadas, ou seja, eram praticamente condenados à morte. (RGH, n.4, p. 12)

r	Os escravos fugitivos sofriam muito quando eram pegos.
	p' Recebiam até 300 chibatadas (quase morte).
	p Recebiam menos chibatadas (não explícitas na sentença).

A tese da sentença (124) é a de que os escravos que fugiam na época do Brasil Colônia eram muito maltratados. O argumento forte (p') para isso é o fato de receberem até 300 chibatadas. Nessa sentença, não temos explicitamente um argumento mais fraco para a tese, mas a presença do *até* indica que 300 chibatadas era o castigo maior e que outros castigos menores podiam ocorrer.

(125) Daí eu fiquei tão desesperada, recaí, acabou o meu leite, infeccionou o seio, sabe? que **chegou** a fazer um buraco, nossa o que eu sofri. (Varsul/ Irati)

r	Eu tive um grande problema no seio.
	p' Fez um buraco.
	p Infeccionou o seio.

O que a informante tem como tese em (125) é o fato de ter tido um problema sério no seio. Para defender isso, ela lançou três argumentos: 1 (mais forte): chegou a fazer um buraco; 2 (médio): infeccionou o seio; 3 (fraco): acabou o leite. É possível perceber que o argumento mais forte foi deixado por último na escala (na sentença).

Este exemplo mostra algo interessante em relação ao auxiliar *chegar*. Embora tenhamos dito anteriormente que ele não é o elemento mais informativo da escala, aparentemente o falante utiliza-o associado ao ponto mais informativo. Em outras

palavras, ele não dá mais informatividade, mas aponta para o elemento mais informativo da sentença, para o argumento mais forte. Assim, *chegar* faz parte de uma certa organização pragmática, em que o termo mais argumentativo, mais informativo vem sempre no final de uma seqüência. Nas implicaturas de Grice (item 3.1.1.4), a organização é um fato essencial para a conversação e seguir uma organização nos diálogos é fundamental para a conversa.

Em (126), um outro exemplo de argumentação com *chegar*.

(126) Porque as pessoas que, se conscientizam um pouquinho, pensam mesmo naquele momento, ficam analisando o procedimento do Cristo, a pessoa **chega** a chorar na hora da encenação, que eles apresentam. (Varsul/ Irati)

r	A encenação mexe com a pessoa.
	p' A pessoa chora.
	p (não apresentado)

Nesse exemplo, o argumento forte pretende confirmar que, se a pessoa se conscientiza, pensa, ela chora de emoção por refletir em tudo aquilo. É como se dissesse que é impossível manter-se imóvel, frio naquele momento se houver um pouco de consciência e reflexão. Podemos observar ainda a ausência de um argumento fraco, o que nas escalas com *chegar* é possível, pois tais argumentos são pragmaticamente recuperáveis.

(127) Mas o condomínio a gente acha difícil, né? porque o condomínio **chega** a ser quase igual o valor do aluguel. (Varsul / Londrina)

r	Não morar em um condomínio.
	p' Condomínio é quase o valor do aluguel
	p (não apresentado)

Verificamos que a tese do informante, embora não explícita, é a de que ele não deseja morar em um condomínio, ou o considera um meio não viável de moradia. Para sustentar essa tese, o argumento forte é o de que o valor do condomínio é quase o valor do aluguel. Assim como em (127), a sentença (128) não apresenta um argumento fraco.

(128) Nesses nove minutos, ele passou pelo inferno, pelo purgatório e depois **chegou** a falar com Jesus. (Varsul/ Irati)

r	O personagem conhece todo o além.
	p' Falar com Jesus.
	p Passa pelo inferno e pelo purgatório.

Nessa sentença, o falante mostra que personagem de uma peça teatral²² passou por toda a escala de possibilidade da outra vida: começa pelo inferno, considerado o lugar de castigo eterno; passa pelo purgatório, em que as almas são colocadas para purificação final antes de ir para o céu e chega ao paraíso, o lugar dos puros, onde está Jesus.

(129) **Chegamos** a pegar quinhentos lambaris na pescaria ali na queda da água, sabe? Queda de água dá, dá bastante lambari. (Varsul/ Irati)

²² Essa sentença é uma outra parte da entrevista que já foi mostrada em (126). Por isso, podemos dizer que o informante fala de uma peça teatral.

r	Queda de água dá bastante lambari.
	p' Pegar quinhentos lambaris.
	p (não apresentado)

Em (129), a tese está no contexto: na queda da água dá bastante lambari. Para argumentar a favor disso, o informante enuncia: chegamos a pegar quinhentos lambaris na pescaria ali na queda da água. É importante reforçar que o argumento se constrói por meio do número, que é um complemento do verbo. Como em exemplos anteriores, nenhum argumento fraco é mencionado.

(130) Agora tem, mas já **cheguei** a sair de casa cinco e meia da manhã, cinco horas da manhã pra entrar na fila pra comprar álcool. (Varsul/ Florianópolis)

r	Era difícil encontrar álcool.
	p' Sair de casa às cinco horas, para entrar na fila para comprar álcool.
	p (não apresentado)

O caso em (130) apresenta a tese da dificuldade de se encontrar álcool. O argumento forte dado pelo informante é o de que ele já teve que sair de casa às cinco e meia (ou cinco horas) para entrar na fila para comprar álcool. Novamente, vemos a importância de se considerar verbo, complementos e adjuntos para o estabelecimento do ponto na escala.

(131) Quando o bolso está convertido, que a gente dá não por obrigação, a gente dá por amor ao trabalho, por amor aos irmãos que precisam também. Então quando **chega** a converter o bolso (risos) a pessoa revela que está numa fase bem adiantada de conversão. (Varsul/ Porto Alegre)

r	Converter-se por completo.
	p' Converter o bolso.
	p (não apresentado)

A tese é a de que a pessoa vai converter-se por completo (ao menos é o que devemos esperar). Essa conversão é um processo que passa por fases. De acordo com o informante, a conversão do bolso é um argumento forte para mostrar que o processo de conversão está numa fase adiantada. Não foi apresentado um argumento fraco.

(132) Baal Shem Tov era um homem de origem humilde, nascido num vilarejo polonês dos Cárpatos, em área da atual Ucrânia. Acostumado à adversidade, **chegou** a viver com os familiares nas ruínas de uma trincheira. (RG, n. 177, p. 63)

r	Baal Shem Tov era acostumado à adversidade.
	p' Viveu com os familiares nas ruínas de uma trincheira.
	p (não apresentado)

Nesse exemplo, a tese explícita tem um argumento de força verdadeiramente indiscutível: viver nas ruínas de uma trincheira. Esse é um caso em que a força argumentativa está em um ponto negativo do viver. Caso *viver nas ruínas* fosse trocado por *viver em uma mansão* seríamos obrigados a modificar a tese.

(133) A intervenção do poder público em questões da língua tem vasta tradição na crônica política brasileira. Nem sempre com bom resultado. (...) Medidas enfiadas goela abaixo **chegam** a ser ignoradas, por caírem no vazio. (RLP, n.3, p. 24)

r	A intervenção do poder público em questões da língua nem sempre tem bom resultado.
	p' As medidas são ignoradas.
	p (não apresentado)

A tese presente no trecho tem um argumento forte importante. Nesse caso, embora o argumento fraco não esteja presente, um elemento possível pode ser o da discussão. Ou seja, se o argumento forte é *medidas são ignoradas* e um argumento fraco possível é o de que elas são vistas, mas não são discutidas. Assim, em outros exemplos, seria possível propor um argumento fraco – como em alguns casos se propõe a tese.

(134) Nunca fui bom em gramática, em nenhuma das línguas que aprendi, mas **cheguei** a corrigir colegas meus brasileiros quando falavam errado. (RLP, n. 9, p. 32)

r	Sei a gramática do português o suficiente.
	p' Corrigi colegas brasileiros quando falavam errado.
	p (não apresentado)

No exemplo (134), o autor utiliza uma oposição de idéias na qual afirma que, por mais que nunca tenha sido bom nas gramáticas que aprendeu, sabe suficiente a gramática do português. Para corroborar sua tese, o argumento forte é o de que ele já corrigiu colegas brasileiros que falavam errado – aqui entendido como fora da norma padrão. O argumento fraco, embora não apresentado, poderia ser “eu me esforcei para saber a gramática do português”, o que não lhe garantiria necessariamente que ele (i)

pudesse corrigir colegas brasileiros e (ii) fosse bom o suficiente em gramática do português. Por tudo isso, seria o argumento fraco.

(135) Só a única coisa que eu acho assim Ipanema cresceu num ponto, no outro não, porque tu vê, comparando com a Tristeza, a Tristeza **chega** a ter uma agência bancária uma do lado da outra, né? (Varsul/ Porto Alegre)

r	Não houve crescimento de Ipanema em alguns pontos, como em Tristeza.
	p' Tristeza tem uma agência bancária ao lado da outra.
	p (não apresentado)

Em (135), a tese se apresenta mais explicitamente. Na comparação entre duas localidades, o falante considera Ipanema não tão desenvolvida em alguns pontos como Tristeza. Possuir um maior número de agências bancárias é, na opinião do falante, o diferencial de desenvolvimento entre as duas localidades.

(136) Muito trabalho artístico num primeiro momento escandaliza, mas pode passar depois a valer milhões. A obra de Portinari, por exemplo, **chegou** a ser abominada e hoje tem feito a alegria de muito leiloeiro. (RLP, n. 6, p. 59)

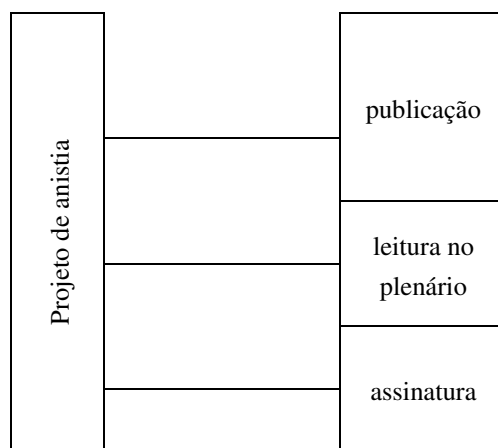
r	Muito trabalho artístico num primeiro momento escandaliza, mas pode passar depois a valer milhões.
	p' A obra de Portinari foi abominada e hoje tem feito a alegria de muitos leiloeiros.
	p (não apresentado)

Falando sobre arte, o autor do texto levanta a tese de que muitas obras são incompreendidas num primeiro momento, mas com o tempo as idéias mudam, e elas passam a valer milhões, ou seja, fazem a alegria de muitos leiloeiros. É isso que ele afirma sobre Portinari: chegou a ser abominada e hoje é muito valiosa.

(137) O projeto [de anistia para João e Janete Capiberibe], que teve assinatura de apoio de 42 senadores, **chegou** a ser lido ontem no plenário da Casa, mas não será publicado. (FSP, 18 nov. 2004, A7)

r	João e Janete Capiberibe quase foram anistiados.
	p' O projeto de anistia foi lido.
	p O projeto não foi publicado.

Para que a anistia de João e Janete Capiberibe acontecesse, suponho, pela leitura do trecho, que seriam necessárias várias etapas:



A etapa inicial de assinatura foi cumprida: assinatura de 42 senadores; a segunda também: leitura no plenário. Faltou então a publicação, que seria o ponto máximo do projeto, de acordo com o trecho. A sentença apresenta um argumento forte para informar que as pessoas citadas chegaram próximas da anistia.

3.5. A negação do auxiliar *chegar*

Almeida (1980, p. 107) afirma que, se a perífrase com *chegar* indica o resultado ou a consequência de um determinado fato, qualquer elemento de negação serve para negar o atingimento de tal consequência ou resultado. Por exemplo, a sentença (138) é, para o autor, a negação da consequência.

(138) Mas eu **não cheguei a falar**, não quis, não expliquei nada²³.

Uma abordagem interessante feita por Fauconnier (1975) é com relação à negação das sentenças em que há os superlativos. Para o autor, se um determinado superlativo está no ponto mais alto ou mais baixo da tabela a negação fará com que ele tome a posição extremamente inversa na escala. Observemos um exemplo:

(139) *The loudest* noise doesn't bother my uncle.

‘O mais alto ruído não incomoda meu tio’.

Parece claro que, se o ruído mais alto não incomoda o elemento Y, um ruído um pouco mais baixo também não o incomodaria e o mais baixo ruído, muito menos. A escala fica assim:

Escala S – negação

	ponto mais baixo
	x ₃
	x ₂
	x ₁
	ponto mais alto

Fauconnier (1975) afirma que essa possibilidade de derivar uma sentença da outra vem do fato de a escala ter subpartes em que há acarretamento. Assim, por

²³ Exemplo do autor.

exemplo, se x_3 acarreta x_2 , que acarreta x_1 , sendo x_3 verdadeira acarreta dizer que x_2 e x_1 também são verdadeiras.

Fauconnier (1975, pp. 365-366) percebeu, no entanto, que nem todos os superlativos se comportam da mesma maneira na negação: enquanto alguns são lidos como quantificadores (140), outros têm apenas uma leitura literal, que não acarreta outros elementos na escala (141).

- (140) a. He did not hear *any* noise.
 ‘Ele não ouviu qualquer ruído’.
- b. He did not hear *the faintest* noise.
 ‘Ele não ouviu o mais fraco ruído’.
- c. He did not hear *the loudest* noise.
 ‘Ele não ouviu o mais alto ruído’.

- (141) a. He did not eat *any* food.
 ‘Ele não comeu qualquer comida.’
- b. He didn’t eat *the most awful* food.
 ‘Ele não comeu a comida mais horrível.’

Escala S – não ouvir		Escale S – não comer	
	o mais baixo		a mais horrível
	x_3		x_3
	x_2		x_2
	x_1		x_1
	o mais alto		a mais gostosa

Partindo do princípio que a sentença (140b) tem uma leitura equivalente a (140a), indicando a ausência de qualquer ruído, deveríamos pensar que *o mais baixo*, nesse caso, acarretaria a ausência de quaisquer outros níveis de ruído presentes na escala, inclusive *o mais alto* (140c).

Se a comparação for feita entre as escalas, é possível perceber que, enquanto o *any* (*qualquer*) pode ser substituído por *o mais baixo* na escala *não ouvir* – sem que seja perdida a leitura original –, na escala *não comer* o *any* (*qualquer*) não tem equivalência com *a mais horrível*. Fauconnier (1975) percebeu, então, algumas diferenças entre os superlativos e postulou dois grupos básicos: um grupo que se comportaria como *o mais baixo*, com leituras similares ao dos quantificadores, e outros que seguiriam *a mais horrível*, sem tais leituras.

A sentença (141b) não viola a regra de escalas pragmáticas porque está no ponto mais baixo da escala e não pode, por isso, acarretar outros pontos. Sentenças como (140b), no entanto, violam a regra das escalas pragmáticas, porque *o mais baixo* sugere ser verdadeira a sentença (140c), ou seja, inverte a ordem de acarretamentos da escala. A fim de tentar explicar como e por que isso acontece, Fauconnier (1975) apresenta o conceito de **quantidade mínima**. Nas palavras do autor (*op. cit.*, p. 367):

The “minimum quantity” adjectives can only be used in negative contexts with the same effect as *any* and contrary to the scale principle if the associated predicate does not imply existence of an object (...) When the scale principle is apparently violated, the corresponding superlative belongs to a restricted class of “minimum quantity” adjectives and the negation is used to suggest nonexistence of the object.

É o que notamos em (140). O *any* (*qualquer*) em (140a) vale tanto para (140b) quanto para (140c). A sentença (140b) pode sugerir ainda que não tenha ocorrido ruído, portanto, (140c) propõe que (140c) também seja verdadeira. Como essa sentença aparentemente viola a regra das escalas pragmáticas, acontece o que o autor chama de **quantidade mínima**, dada por *o mais fraco*. Na verdade, em (140b) essa quantidade mínima é negada, o que gera a **quantidade zero**.

A negação com o auxiliar *chegar* sugere que o sujeito não atingiu o ponto mínimo de uma escala marcada pelo infinitivo e seus complementos.

(142) O principal da língua é a capacidade de expressão, de construir pensamentos e de transmiti-los, fazendo-os inteligíveis. Esta capacidade é que está se perdendo progressivamente. A gente conversa com um jovem e vê que o falar é interrompido a todo o momento. Muitas vezes ele **não chega** a completar a frase. (JB, 28 dez.1996)

Nessa sentença, a discussão é sobre a perda da capacidade de uso da língua de acordo com a concepção de José Paulo Paes, autor da frase. Ele considera que o ponto mais alto da língua – que acarreta outros – “é a capacidade de expressão, de construir pensamentos e de transmiti-los, fazendo-os inteligíveis”. O ponto mínimo é completar a frase. Observemos, nas escalas a seguir, que a negação inverte esses valores.

Afirmção		Negação	
(ponto mais baixo)	completar a frase	(ponto mais baixo) não	construir e transmitir pensamentos
x ₃		x ₁	
x ₂	falar não é interrompido	x ₂	falar é interrompido
x ₁		x ₃	
(ponto mais alto)	construir e transmitir pensamentos	(ponto mais alto) não	completar a frase

Se o falante for capaz de cumprir com aquilo que afirma José Paulo Paes (o ponto mais alto da afirmação: construir e transmitir pensamentos) é possível ver na escala que isso acarreta os outros elementos, ou seja, o falante não interrompe as falas e completa as frases.

Ducrot (1981) concorda com Fauconnier (1975) sobre a inversão da escala. Para o autor, numa escala afirmativa temos p' como argumento forte e p como argumento fraco. Se negarmos o predicado, p passará a ser o argumento mais forte e p' o argumento mais fraco.

- (143) a. Até o Pedro foi na festa.
 b. Nem o Paulo foi na festa.

Partindo da idéia de que Pedro dificilmente iria à festa, dizer que até ele foi é um argumento forte para dizer que a festa foi um sucesso. Por outro lado, se o Paulo, que certamente iria, não foi, é um argumento forte para a tese de que a festa não foi um sucesso. Nas escalas:

Escala de afirmação		Escala de negação	
r	A festa foi um sucesso.	~r	A festa não foi um sucesso.
	p' Pedro veio.		~p Paulo não veio.
	p Paulo veio.		~p' Pedro não veio.

Ducrot (1981) considera a negação como uma inversão da escala argumentativa. Para uma tese *não-r* ($\sim r$), um argumento *não-p* ($\sim p$) é mais forte do que um argumento *não-p'* ($\sim p'$). Consideremos que a tese tirada de (143b) seja o inverso da tese tirada de (143a): *A festa não foi um sucesso*. Note que, se em (143a) *Paulo veio* era o argumento fraco (p), agora sua negação é o argumento forte ($\sim p$), porque se nem Paulo veio – e ele não teria grandes motivos para faltar à festa –, os outros precisam ser considerados na sentença. Já que a vinda de Pedro seria improvável, em qualquer circunstância, não haveria sentido ter *Pedro não veio* como argumento forte da tese.

Vejamos, a partir da escala de Ducrot (1981), como ficaria a sentença (143). Notemos que a negação ao fato de o falante *não completar a frase* acarreta também outras atitudes deste mesmo falante, como *o falar ser interrompido* e *ele não construir e transmitir pensamentos*.

~r	Os jovens não estão sendo capazes de usar a língua adequadamente.
	~p Não completam a frase.
	~p' Interrompem a fala a todo o momento.

Supondo que o texto fosse de afirmação. A escala ficaria assim:

r	Os jovens usam a língua com bastante capacidade.
	p' Não interrompem as falas a todo o momento.
	p Completam as frases.

Nesse caso, o argumento forte para a capacidade de uso da língua por parte dos jovens é o fato de eles não interromperem as falas a todo o momento. O argumento fraco é o de completar as frases, que é o mínimo que se espera em uma conversa. Observe que, esse argumento fraco na afirmação foi o argumento forte da negação. Seguem outras análises.

Um bom exemplo de não atingimento da quantidade mínima é o que aparece em (144).

(144) As faculdades e universidades privadas demitem doutores não apenas para baratear custos. Outro expediente comum dessas empresas é apresentar à equipe encarregada de avaliar a abertura dos cursos um quadro docente totalmente fantasioso. Curso autorizado, tais faculdades não obedecem depois ao que foi apresentado. Pude constatar pessoalmente isso aqui em Salvador há cerca de três anos. Contratado para coordenar e montar o

curso de jornalismo da Faculdade Jorge Amado (hoje uma potência econômica) para obter autorização do MEC, em acerto que deveria durar no mínimo quatro anos, **nem sequer cheguei** a assumir o posto quando o curso foi autorizado, alguns meses depois. (FSP, 11 jan. 2005, A3)

~r	Faculdades enganam o MEC sobre o quadro docente apenas para ganhar autorização do curso.
~p	Não assumir o posto.
~p'	Demissão de professores.

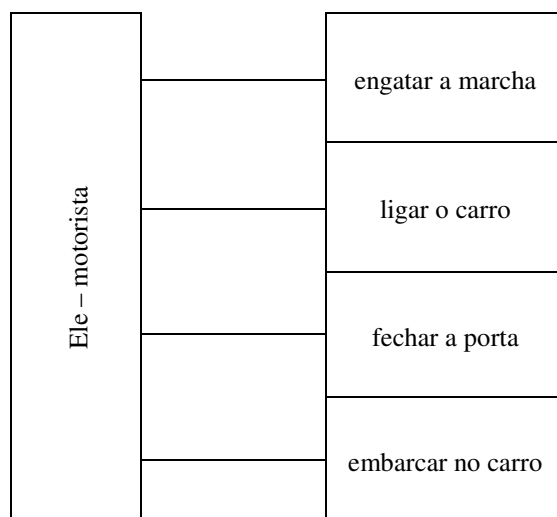
Nesse trecho, o autor utiliza o termo *sequer*, que tem função adverbial de indicar um mínimo, para mostrar que a faculdade não o deixou assumir o posto depois de contratado, pois ela esperava apenas a autorização do MEC. Assim, se ele sequer assumiu o posto, as funções de montagem e coordenação do curso, que são pontos mais altos na escala, são conseqüentemente negadas.

(145) E ele **nem chegou** a embarcar, o cara tirou a chave dele e eu estava dentro do carro, eles mandaram descer, né? (Varsul / Porto Alegre)

~r	Eles foram muito rápidos.
~p	Ele não embarcou.
~p'	(não apresentado)

Tomando a escala proposta por Ducrot (1981), notamos que o falante não mostrou um argumento fraco para a sentença e que *embarcar no carro* era a atitude mínima esperada, transformando-se em argumento forte para a rapidez do assalto (tese proposta por mim).

Propomos um quadro em que se pudessem mostrar as atitudes do motorista.



Aqui, temos uma seqüência lógica que leva em consideração a questão temporal. Em qualquer um dos pontos da escala era possível utilizar o *nem chegou a*, mas é no ponto mínimo – embarcar no carro – que o falante encontra o argumento forte para a tese de que os ladrões foram muito rápidos.

(146) Você planta, às vezes gria e já mata, **não chega nem** a formar a lavoura.
(Varsul/ Londrina)

Casos de dupla negação como (146) também foram encontrados. Além de um reforço na idéia do não-atingimento de algo, notamos a marcação da quantidade zero, ou seja, o falante afirma que não se atingiu o ponto mínimo esperado.

(147) Então **não cheguei nem** a aprender a dançar, então não dancei. (Varsul/ Pato Branco)

Nesse caso, o **nem** estabelece o não atingimento do mínimo esperado: que o sujeito (eu) aprendesse a dançar. Esse sujeito nega ter atingido esse ponto (não cheguei) e, conseqüentemente, outros que poderiam ocorrer na escala. Casos assim, podem ser comparados com (148), em que dançar não aparece como um ponto mínimo não atingido, mas simplesmente como ponto não atingido.

(148) Então, **não cheguei** a aprender a dançar, então não dancei.

Em (149), colocamos um exemplo com outra partícula de negação (nunca), que apareceu em alguns exemplos antes do auxiliar *chegar*.

(149) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que **nunca chegaram** a ser formulados e compreendidos pelo aluno. (RA)

Partículas como **nem** e **sequer** – além do **nunca**, na sentença (149) – indicam semanticamente o piso²⁴, o ponto mínimo de atingimento. O leitor pode se perguntar então como duas partículas que indicam escala (*chegar* e *nem* ou *sequer*) podem co-ocorrer numa sentença. Acreditamos que isso seja possível porque, enquanto o *chegar* estabelece o ponto mínimo pragmaticamente, ou seja, aquele que o falante deseja marcar, os outros termos indicam o ponto mínimo semanticamente, pois carregam em si mesmos tal idéia.

3.6. Análises de *even*, *hasta* e *até*

Francescotti (1995 p. 155) afirma que a análise mais comum para o *even* mostra que ele “produz uma diferença somente na implicatura convencional” de uma sentença e não interfere nas condições de verdade dela. Por exemplo, em

(150) **Even** Albert failed the exam.

‘**Até** Alberto reprovou no teste.’

só podemos entender que Albert tinha boas condições de passar no teste e, talvez, que ele fosse o mais apto a passar. Assim, (150) indica que, se até o Alberto reprovou, outros também reprovaram.

Neste ponto, é preciso lembrar o que afirmamos em 3.1: as implicaturas não são semânticas. Por isso, é possível que um aluno considerado menos apto que Albert tenha passado. Mas isso não impede que (150) seja uma sentença aceitável, ao menos do ponto de vista pragmático, porque o *even* dá uma idéia de surpresa sobre um elemento

²⁴ Quando dizemos *semanticamente o piso*, entendemos que aquele ponto é o mínimo possível a ser atingido na escala.

em uma sentença. Por mais que outros tenham passado, continua sendo surpreendente que Albert não tenha conseguido.

Francescotti (1995) considera que, se Albert não fosse o mais apto a passar no teste e sua reprovação fosse praticamente certa, a sentença (150) seria ruim.

Lycan (*apud* Francescotti, 1995, p. 157) aponta que sintaticamente *even* (*até*) e *only* (*só/ somente*) são similares, já que podem flutuar pela sentença. Essa flutuação muda o foco capturado pela palavra. Exemplo:

(151) (Even, Only) I hit him in the eye yesterday.

‘(Até, só) Eu o machuquei no olho ontem.’

I (even, only) hit him in the eye yesterday.

‘Eu (até, só) o machuquei no olho ontem.’

I hit (even, only) him in the eye yesterday.

‘Eu machuquei (até, só) ele no olho ontem.’

I hit him (even, only) in the eye yesterday.

‘Eu o machuquei (até, só) no olho ontem.’

I hit him in the eye (even, only) yesterday.

‘Eu o machuquei no olho (até, só) ontem.’

Francescotti (1995, p.172) mostra ainda em seu trabalho que o *even* tem sempre a idéia de surpresa, de inesperado – como acontece em (151) com a reprovação de Albert – e que o “até é um termo escalar, já que o inesperado vem em etapas”. Kay (*apud* Francescotti, 1995) afirma que utilizar o *even* é um modo de oferecer algo mais argumentativo, mais relevante para uma determinada conclusão. E, nesse ponto, há uma ligação com a teoria de Ducrot (1981).

Numa comparação entre *hasta* (espanhol) e *até* (português), Grolla (2004) mostra que ambas preposições podem denotar em seus DPs²⁵ os graus de uma escala.

²⁵ Determiner Phrases.

- (152) a. A temperatura subia até 90°C.
b. La temperatura subió hasta (los) 90°C.
- (153) a. O João cresceu até 2m.
b. Juan creció hasta 2m.

A própria autora explica: “em sentenças como essas, *hasta* e *até* tomam os sintagmas *2 metros* e *90°C* como argumentos. Tais argumentos são graus de uma escala” (Grolla, 2004, p. 295). E conclui: “[*hasta* e *até*] indicam que um elemento atingiu o fim de um determinado objetivo ou o ponto final de um deslocamento”. (*idem*, p. 297).

Os trabalhos de Francescotti (1995) e Grolla (2004) são importantes para traçar um paralelo com a análise para *chegar*. Como afirmamos anteriormente, não conseguimos encontrar qualquer pesquisa que tratasse *chegar* como um operador de escala, por isso, o caminho foi passar por essas expressões já estudadas.

3.6.1. *Chegar em comparação com even, hasta e até*

Até que ponto podemos atribuir a *chegar* as características de *even*, *hasta* e até²⁶?

Assim como dito para as preposições em questão no segundo capítulo, *chegar* se estabelece como um operador de escalaridade na sentença. Se para Francescotti (1995) o *até* marca a surpresa na sentença e para Ducrot (1981) escolhe o termo mais argumentativo para determinada tese, vimos que *chegar* escolhe, se não o termo mais alto na escala, ao menos aquele que para o falante lhe parece o mais argumentativo naquela conversa. Além disso, *chegar* também não interfere nas condições de verdade.

²⁶ Neste item, estamos considerando *até* como tendo o mesmo comportamento de *even* e *hasta*, sendo, portanto, dispensadas as análises individuais para cada termo.

Uma diferença importante está no aspecto sintático, por conta da flutuação na sentença: enquanto o *até* pode flutuar mais livremente, antecedendo sujeito, verbo, objetos e adjuntos, *chegar* prende-se à posição que antecede o verbo no infinito, na maioria das vezes, ligado a este infinitivo por meio da preposição *a*. Nas sentenças com *chegar*, é no infinitivo, complementos e adjuntos – que formam um único sintagma – que acontece a marcação do ponto na escala. Dessa forma, notamos que o falante só pode utilizar o auxiliar *chegar* antes de eventualidades, enquanto tem a liberdade de escolher outros sintagmas para suceder o *até*.

Da mesma maneira que Grolla (2004) conclui para *hasta* e *até*, que os elementos posteriores a eles funcionam como um ponto final para a escala, o sintagma que segue o auxiliar *chegar* também é o grau de uma determinada escala, funcionando como um ponto final.

Comparando as sentenças:

- (154) a. Evans kissed Mary even before he knew her name.
b. Evans beijou Mary até antes de saber o nome dela.
c. Evans chegou a beijar Mary antes até de saber o nome dela.
- (155) a. A temperatura subia até 40°C.
b. La temperatura subió hasta (los) 40°C.
c. A temperatura chegava a atingir os 40°C.
d. A temperatura chegava aos 40°C.

A tradução de (154a) em (154c) é equivalente. Note o leitor que a chamada “surpresa”, de que já se falou na discussão sobre *até* (segundo capítulo), é dada por todo o sintagma posterior em (154c).

Já em (155), os exemplos (similares no sentido) mostram o caráter de escala dado por *chegar*. Mesmo quando não é auxiliar, mas principal (155d), o verbo indica

que o seu complemento é um grau em uma dada escala, característica encontrada por Grolla (2004) para as preposições estudadas.

Acreditamos que, em alguns casos, quando *chegar* precede um argumento iniciado pela preposição *a* pode haver um infinitivo subentendido, especialmente *atingir*, *ter*, *estar* e *ser*. Mas, nesses casos, a interpretação do verbo é diferente da interpretação dada ao verbo pleno (159).

(156) O nível do rio **chegou** a [atingir, estar] três metros acima do normal.

(157) O motor **chegava** a [ter] quase 1.000 cavalos de potência.

(158) Ele **chegou** a [ser] ministro da saúde.

(159) Ele **chegou** a São Paulo.

É importante esclarecer que, mesmo com idéias similares, *chegar* e *até* podem aparecer juntos numa frase.

(160) Tivemos lutas encarniçadas! Os paulistas **chegaram até** a apelar para a deslealdade. (RGH, n.4, p. 73)

(161) Na hora assim quando você está pintando uma cor muito forte, você **chega até** a ficar meio dopado, sabe? (Varsul/ Curitiba)

Acreditamos que essa co-ocorrência tenha razões similares àquela a que nos referimos para *chegar* + *nem/ sequer*, mas agora falando do outro pólo da escala: o auxiliar *chegar* indica o ponto mais alto (mais argumentativo) pragmaticamente da escala enquanto *até* indica o ponto mais alto semanticamente da mesma escala.

CONCLUSÃO

O objetivo maior dessa dissertação foi investigar a função de *chegar* seguido de infinitivo em português brasileiro. Para isso, analisamos os trabalhos já existentes sobre esse fato lingüístico e, não satisfeitos com as conclusões, buscamos outras referências que pudessem nos mostrar o que o falante produz (ou pretende produzir) ao utilizar *chegar a+infinitivo*..

Primeiramente, vimos que nem todos os autores concordam com o estabelecimento de *chegar* como verbo auxiliar. No entanto, nossa pesquisa verificou que tal verbo comporta-se perfeitamente como um verbo auxiliar, seguindo uma série de critérios utilizados para uma classificação assim. Concordamos com as considerações de Almeida (1980), Torrego (1988), Neves (2000) e Houaiss (2001), quando deixam implícita a idéia de que *chegar* não pode ser um auxiliar temporal ou modal, mas discordamos desses mesmos autores, quando inserem tal verbo na lista dos auxiliares aspectuais.

Nesse caso, verificamos que a presença desse verbo em uma sentença não influencia no aspecto da situação descrita, sendo compatível com situações perfectivas e imperfectivas; télicas e atélicas. Claro que, como faz todo verbo auxiliar, ele carrega marcas de aspectualidade, mas não é ele quem as oferece na sentença.

A respeito disso, observamos um fato curioso, sobre o qual não conseguimos propor nenhuma generalização: mesmo não influenciando na aspectualidade, algumas sentenças gramaticais em PB, podem se tornar mal formadas, se inserido o auxiliar *chegar*.

(162)a. Desde os 10 anos, o João nada.

b.# Desde os 10 anos, o João chega a nadar.

c. Desde os 10 anos, o João nada 4 horas por dia.

d. Desde os 10 anos, o João chega a nadar 4 horas por dia.

Percebemos que, as sentenças (162a) e (162b) deveriam se comportar como (162c) e (162d). No entanto, a falta de uma expressão temporal (*4 horas por dia*, por exemplo) fez com que (162b) fosse mal formada em PB. Aparentemente, essa má formação acontece inclusive com a ausência da expressão *desde os 10 anos*, quando a sentença está no presente (163).

(163)a. O João nada.

b. #O João chega a nadar.

No passado, é bem formada.

(164)a. O João nadou.

b. O João chegou a nadar.

Tentamos encontrar a resposta para tais questões na incompatibilidade de traços, mas não tivemos sucesso. A influência de *chegar* na aspectualidade da sentença também não nos pareceu uma explicação adequada, já que, como vimos, ele não influencia na aspectualidade das sentenças em que ocorre como auxiliar. Por isso, deixamos de lado as questões aspectuais e fomos verificar como o verbo em questão pode ser interpretado nas sentenças em que é auxiliar, o que ele acrescenta à sentença e ao significado dela e foi de onde tiramos as conclusões mais interessantes.

Partindo das análises de Fauconnier (1975) e Ducrot (1981), pudemos observar que *chegar* tem a função de operar sobre uma escala, antecedendo sempre um argumento que, na sentença, é sempre o mais forte em defesa de uma tese levantada pelo falante. Isso fez com que, conseguíssemos dizer que um auxiliar influencia não no tempo, no modo ou no aspecto, mas no uso da sentença como um todo.

Vimos ainda que, de maneira organizada, até para sustentar a defesa da tese enunciada na sentença, *chegar* antecipa sempre o argumento mais forte (mais informativo) e que esse argumento é formado pelo sintagma infinitivo, com seus complementos e adjuntos (uma eventualidade). Quando tratamos de uma escala afirmativa, esse sintagma é o ponto mais alto; quando tratamos de uma escala negativa, ele é o ponto mais baixo, sendo, em ambos, o argumento mais forte. Essa é a razão para permitir, numa sentença com *chegar*, o falante não precise usar o argumento fraco para defender a sua tese: ou ela é subentendida ou não se faz necessária, pois o auxiliar já dá o argumento pragmaticamente mais forte naquele contexto e para aquele falante.

Acreditamos, com esta pesquisa, ter dado uma contribuição teórica para o estudo dos verbos auxiliares e, sobretudo, para uma análise mais específica de *chegar*, por ser um auxiliar pouco discutido em trabalhos sobre o PB. Acima de tudo, esta dissertação levanta uma questão que deve ainda ser alvo de muita discussão: os verbos auxiliares podem apresentar algum outro valor, além dos já consagrados e consensuais valores de voz, tempo, modo e aspecto? Mostramos aqui que, a princípio, o verbo *chegar*, na perífrase *chegar a + infinito*, tem implicações de um operador escalar. Se as nossas conclusões estão corretas, e pensamos ter mostrado evidências suficientes para corroborar essa posição, sabemos ainda que não esgotamos o assunto. Pensamos que não há nenhuma dúvida em excluir esse verbo das implicações de voz e tempo. Embora tenhamos feito uma extensa discussão sobre aspecto e termos concluído que o seu papel não é aspectual, pelo menos tentamos esgotar todas as possibilidades, sempre será possível pensar numa nova categoria aspectual ainda não conceituada. Em relação à modalidade, a nossa abordagem foi ligeira e superficial, porque aprofundar todos esses domínios no tempo de duração de um mestrado é quase impossível. Descartamos a modalidade tendo em vista noções bastante superficiais. É possível que uma imersão maior nessa área nos levasse a conclusões diferentes.

Mais do que decidir se a escalaridade seria uma categoria semântica independente das categorias de aspecto ou de modalidade, devemos nos perguntar por que motivo uma língua toma um verbo auxiliar com a especialização de veicular escalaridade. Nossas reflexões só puderam vislumbrar uma resposta: *chegar* escalona eventos. Isso o torna diferente dos outros operadores de escalaridade. Termos como *só*, *até* e *mesmo* são mais afeitos a projetar escalas em que se localizam pessoas, objetos e até eventos. *Chegar* só escalona eventos em relação a outros eventos. Isso fica aclaro nas várias escalas que projetamos no capítulo 3.

Embora reconheçamos a precariedade na investigação de algumas possibilidades, ainda assim acreditamos ter construído uma análise que é extremamente relevante para a abordagem de *chegar* no PB e para a discussão sobre auxiliaridade. As questões em aberto ou pouco aprofundadas ficam como propostas para pesquisas futuras, nossas ou de outro leitor interessado no assunto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. de. (1980). **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. Assis-SP: ILHPA - Huctec.
- ALVES, R. (1995). **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliense.
- BLÜHDORN, H.; EVANGELISTA, M. C. R. G. (1998). *Para uma semântica relacional da modalidade*. Fotocopiado.
- CASTILHO, A. T. de. (2002). *Aspecto verbal no português falado*. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs). **Gramática do Português Falado**, v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 83-122.
- CHIERCHIA, G. (2003). **Semântica**. Campinas: Unicamp; Londrina: Eduel.
- COSTA, S. B. B. (2002). **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto.
- DUCROT, O. (1981). **Provar e dizer: linguagem e lógica**. São Paulo: Global editora.
- FAUCONNIER, G. (1975). *Pragmatics scales and logical structure*. *Linguistic Inquiry*, v. VI, n. 3. pp. 353-375.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Edição impressa de 18 de novembro de 2004. São Paulo, SP. _____ . Edição impressa de 11 de janeiro de 2005. São Paulo, SP.
- FRANCESCOTTI, R. M. (1995). Even: the conventional implicature approach reconsidered. *Linguistics and philosophy*, n. 18, pp. 153-173.
- GAZETA DO POVO. Edição impressa de 28 de maio de 2006. Curitiba, PR. _____ . Edição impressa de 12 de agosto de 2006. Curitiba, PR.
- GROLLA, E. (2004). *Prepositions, scales and telicity: a case study*. Somerville, MA: Cascadilha Press. pp. 293-303.
- HOUAISS, A. (2001). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- ILARI, R. *Notas para uma semântica do passado composto em português*. In: 4.º Celsul. Curitiba: UFPR, 2000. Fotocopiado.
- JORNAL DO BRASIL. Caderno B. 28 de dezembro de 1996. Rio de Janeiro, RJ.
- LEVINSON, S. C. (1987). **Pragmatics**. London: Cambridge.

- LONGO, B. de O. *A auxiliaridade e a expressão de tempo em português*. Tese de doutorado. Unesp. Araraquara, 1990.
- ____ & CAMPOS, O. de S. (2002). *A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado*. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs). *Gramática do Português Falado*, v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 445-477.
- LUFT, C. (2003). *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática.
- MENEZES, R. C. de. (2005). *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação de mestrado.
- MIOTTO, C. FIGUEIREDO, M C. S.; LOPES, R. E. V.(2004). **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular.
- NEVES, M. H. M. (2000). **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP.
- PERINI, M. (2001). **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática.
- PONTES, E. (1973). **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes.
- REVISTA ELETRÔNICA CIÊNCIA HOJE*. Disponível em <<http://cienciahoje.uol.com.br>> Acesso: nov. 2006.
- REVISTA DA LÍNGUA PORTUGUESA*. n. 1. São Paulo: Segmento, 2005.
- ____. n. 2. São Paulo: Segmento, 2005.
- ____. n. 3. São Paulo: Segmento, 2006.
- ____. n. 6. São Paulo: Segmento, 2006.
- ____. n. 9. São Paulo: Segmento, 2006.
- REVISTA GALILEU*. São Paulo: Globo, n. 177, abril de 2006.
- REVISTA GALILEU HISTÓRIA*. São Paulo: Globo, edição especial n. 4. 2005.
- REVISTA SUPERINTERESSANTE*. São Paulo: Abril. ed. 218, outubro de 2005.
- ____. São Paulo: Abril. ed. 225, abril de 2006.
- SQUARTINI, M. (1998). **Verbal Periphrases in Romance**: aspect, actionality and grammaticalization. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- TORREGO, L. G. (1988). **Perífrasis verbales**. Madrid: Arco/Libros.
- TRAVAGLIA, L. C. (1985). **O aspecto verbal no português a categoria e sua**

expressão. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

VENDLER, Z. (1967). Verbs and times. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press.

WACHOWICZ, T. C. (2005). *O aspecto do auxiliar*. Comunicação apresentada em reunião do GT “Teoria da gramática” da ANPOLL, Ouro Preto/MG. Fotocopiado.

____ & FOLTRAN, M. J. G. D. (2006). *Sobre a noção de aspecto*. Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP), v. 48, p. 211-232.